

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ – CCIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

RENATA SOUSA BORRALHO

**“TEMOS QUE DAR CONTA DE TUDO, O TRABALHO NUNCA ACABA E NÃO
TRAZ PRESTÍGIO ALGUM”**: significado do trabalho doméstico para mulheres donas
de casa em Imperatriz/MA

IMPERATRIZ - MA
2025

RENATA SOUSA BORRALHO

**“TEMOS QUE DAR CONTA DE TUDO, O TRABALHO NUNCA ACABA E NÃO
TRAZ PRESTÍGIO ALGUM”:** significado do trabalho doméstico para mulheres donas
de casa em Imperatriz/MA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de pesquisa: Instituições, construção e reprodução social das diferenças: educação, poder, sociabilidades, ações coletivas e representações sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Corrêa Custódio

IMPERATRIZ - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Borralho, Renata.

TEMOS QUE DAR CONTA DE TUDO, O TRABALHO NUNCA ACABA E NÃO TRAZ PRESTÍGIO ALGUM: significado do trabalho doméstico para mulheres donas de casa em Imperatriz/MA / Renata Sousa Borralho. - 2025.

80 p.

Orientador(a): Maria Aparecida Corrêa Custódio.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Ufma/ccim, 2025.

1. Trabalho Doméstico Não Remunerado. 2. Economia do Cuidado. 3. Mulheres Donas de Casa. I. Corrêa Custódio, Maria Aparecida. II. Título.

RENATA SOUSA BORRALHO

“TEMOS QUE DAR CONTA DE TUDO, O TRABALHO NUNCA ACABA E NÃO TRAZ PRESTÍGIO ALGUM”: significado do trabalho doméstico para mulheres donas de casa em Imperatriz/MA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 03/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Corrêa Custódio – PPGS/UFMA
(Orientadora – Presidente)

Prof.^a Dr.^a Camila Perez da Silva – UEMASUL
(Membro Externo)

Prof.^a Dr.^a Vanda Maria Leite Pantoja – PPGS/UFMA
(Membro Interno)

Imagine se as mulheres entram em greve e não produzem filhos, o capitalismo para. Se não há controle sobre o corpo da mulher, não há controle da força de trabalho.

Silvia Federici

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois nesse último ano nos aproximamos.

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento as donas de casa pela generosidade e sinceridade com que participaram desta pesquisa. Sem dúvidas, as contribuições foram essenciais para compreensão dos desafios envolvidos nesse papel tão importante e essencial para toda sociedade, que muitas vezes é invisibilizado. Cada uma das experiências e reflexões relatadas iluminaram essa pesquisa. Agradeço a cada uma das participantes por compartilhar suas percepções, e por ajudar a reconhecer o valor deste trabalho, que vai muito além do cuidado físico, psicológico e da organização do lar.

Saibam que suas vozes não passarão despercebidas. O relato de cada uma de vocês me incentivou a continuar buscando maneiras de valorizar e reconhecer o trabalho doméstico como uma parte primordial de toda sociedade capitalista.

Agradeço ao meu amado esposo Jhonatam, por ser uma das minhas maiores fontes de inspiração, nos estudos, no caráter, na honestidade, por ser um fiel companheiro e amigo nos melhores e piores momentos. Obrigada por cada conselho e infinita torcida pelo meu sucesso.

Agradeço a minha filha Maria Borrvalho, por ser o maior amor que tenho dentro do peito, por me ensinar tanto com sua inocência e inteligência, por me fazer ser uma pessoa infinitamente melhor, equilibrada e corajosa.

Agradeço aos meus pais Oneide e Joaquim, por sempre torcerem e estarem felizes com as minhas escolhas.

Agradeço ao restante da minha família, que são poucos, se resumem a dois irmãos, Rodrigo e Rafael, uma tia, Marly e minha prima Victória, pessoas estas que fazem dos meus dias mais felizes.

Agradeço com muita gratidão e carinho aos queridos amigos, Luzeli e Adenilson, renomados professores, que me deram muitos conselhos e incentivo para continuar os estudos. Obrigada pelas conversas!

Agradeço também a minha prima Karoline Costa (Karol), por ter me aconselhado incontáveis vezes sobre o programa, disciplinas, professores. A mesma, aluna egressa do programa.

Agradeço em especial a minha orientadora dr.^a Maria Aparecida. Obrigada pela paciência ao longo desses quase três anos, obrigada pelos puxões de orelha que vieram sempre em bons momentos, me animando em continuar. Obrigada pelas incontáveis vezes que corrigiu o trabalho. Tenho imensa admiração por você. Lhe agradeço por não ter desistido de mim.

Agradeço a todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS. Serei eternamente grata pelos riquíssimos ensinamentos.

Agradeço a minha turma do PPGS – 2022, pelos momentos de aprendizado, das quais observei muito, interagi pouco, mesmo assim, obrigada.

Agradeço a banca de qualificação, professora dr.^a Camila Perez e professora dr.^a Vanda Pantoja. Obrigada por lançarem luz sobre o trabalho e por contribuírem significativamente com suas sugestões e valiosíssimas ideias.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a percepção das mulheres donas de casa de Imperatriz sobre seu trabalho doméstico não remunerado, buscando compreender como elas vivenciam e atribuem significado a essa atividade dentro de uma sociedade marcadamente patriarcal. Partimos da hipótese de que o trabalho reprodutivo coloca as mulheres em uma posição de invisibilidade, tanto no núcleo familiar quanto na esfera social, uma vez que permanece à margem do valor econômico. A questão central que orientou a investigação foi: o que significa para as mulheres donas de casa dedicar-se exclusivamente às tarefas domésticas e lidar com múltiplos afazeres diários de diferentes níveis de complexidade? A partir dessa questão, foram definidos os seguintes objetivos: geral, (I) compreender as dimensões do trabalho doméstico não remunerado sob a ótica das próprias mulheres que o realizam (geral); específicos, (II) analisar o papel da dona de casa na sociedade local e no contexto brasileiro; e (III) discutir a importância do trabalho doméstico para a economia e a vida social. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa baseada em entrevista em profundidade (Gaskell, 2002), permitindo uma compreensão detalhada das experiências e percepções das participantes. A pesquisa contou com a colaboração de seis mulheres, com idade entre 34 e 66 anos, proveniente de diferentes classes sociais e contextos socioeconômicos diversos. A análise dos dados foi fundamentada em autoras como Bruschini (1985;2006), Camarano e Pinheiro (2023), Duran (1983), Federici (2017;2019;2021), Saffioti (1976;1979), Matos e Boreli (2012), entre outras, com ênfase em abordagens feministas que revisitam as teses marxianas sobre trabalho produtivo e reprodutivo. Os principais achados indicam que a dedicação exclusiva ao trabalho doméstico restringe significativamente as oportunidades econômicas e profissionais das mulheres, limitando seu acesso ao mercado de trabalho e ao desenvolvimento pessoal, como a realização de estudos ou carreiras. Além disso, evidenciou-se que o trabalho doméstico, embora invisibilizado, é essencial para a manutenção da força de trabalho masculina, garantindo que os homens possam desempenhar suas atividades profissionais com maior eficiência e ascensão. Conclui-se que, portanto, que o trabalho das donas de casa é um pilar fundamental para a sociedade capitalista, mas permanece desvalorizado e socialmente negligenciado.

Palavras-Chave: Trabalho doméstico não remunerado. Economia do cuidado. Donas de casa. Trabalho reprodutivo. Desigualdade de gênero.

ABSTRACT

This research aims to investigate the perception of women housewives in Imperatriz about their unpaid domestic work, seeking to understand how they experience and attribute meaning to this activity within a markedly patriarchal society. We start from the hypothesis that reproductive work places women in a position of invisibility, both in the family nucleus and in the social sphere, since it remains outside of economic value. The central question that guided the investigation was: what does it mean for female housewives to dedicate themselves exclusively to domestic tasks and deal with multiple daily tasks of different levels of complexity? Based on this question, the following objectives were defined: general, (I) understand the dimensions of unpaid domestic work from the perspective of the women who perform it (general); specific, (II) analyze the role of the housewife in local society and in the Brazilian context; and (III) discuss the importance of domestic work for the economy and social life. Methodologically, a qualitative approach based on in-depth interviews was adopted (Gaskell, 2002), allowing a detailed understanding of the participants' experiences and perceptions. The research involved the collaboration of six women, aged between 34 and 66, from different social classes and socioeconomic contexts. Data analysis was based on authors such as Bruschini (1985;2006), Camarano and Pinheiro (2023), Duran (1983), Federici (2017;2019;2021), Saffioti (1976;1979), Matos and Boreli (2012), among others, with an emphasis on feminist approaches that revisit Marxian theses on productive and reproductive work. The main findings indicate that exclusive dedication to domestic work significantly restricts women's economic and professional opportunities, limiting their access to the job market and personal development, such as pursuing studies or careers. Furthermore, it became clear that domestic work, although invisible, is essential for maintaining the male workforce, ensuring that men can perform their professional activities with greater efficiency and advancement. It is concluded, therefore, that the work of housewives is a fundamental pillar for capitalist society, but remains undervalued and socially neglected.

Keywords: Unpaid domestic work. Care economy. Housewives. Reproductive work. Gender inequality.

LISTA DE SIGLAS

CadÚnico – Cadastro Único

CESI/UEMA – Centro de Estudo Superiores de Imperatriz/Universidade Estadual do Maranhão

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IFMA – Instituto Federal do Maranhão

PIB – Produto Interno Bruto.

UEMASUL – Universidade Estadual da Região Tocantina

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
Metodologia.....	17
Território da pesquisa.....	21
2 TRABALHO DOMÉSTICO E A QUESTÃO DE SER MULHER DONA DE CASA..	24
2.1 O trabalho doméstico na percepção das mulheres.....	28
2.2 Ser mulher na visão das entrevistadas.....	33
2.3 Como elas veem seu trabalho em relação ao trabalho de seus parceiros.....	37
3 REPRESENTAÇÃO DE TRABALHO PARA AS MULHERES DONAS DE CASA..	43
3.1 Trabalho e profissão segundo elas próprias.....	45
3.2 Seus lamentos, contradições e desejos.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	62
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO.....	63
APÊNDICE C – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a percepção das mulheres donas de casa de Imperatriz sobre o seu trabalho cotidiano não remunerado dentro de seu lar. A hipótese levantada desde o início da pesquisa é de que o trabalho reprodutivo coloca essas mulheres, de diferentes classes sociais, em um lugar de invisibilidade na teia familiar e na sociedade local que é acentuadamente marcada por uma cultura patriarcal. Essa problemática foi investigada a partir da seguinte questão: o que significa para as mulheres donas de casa de Imperatriz trabalhar somente com tarefas domésticas e lidar com tantos afazeres cotidianos de variados níveis de complexidade? Como elas veem o trabalho doméstico e como se veem nele?

No decorrer da pesquisa, os objetivos traçados foram os seguintes: compreender as dimensões do trabalho não remunerado exercido por mulheres donas de casa e percebido por elas (objetivo geral). Objetivos específicos: analisar o papel da dona de casa na sociedade local e brasileira; e discutir a importância do trabalho doméstico para a economia e vida das sociedades.

Inicialmente, o interesse pela pesquisa se deu pelo fato de ter nascido e me criado na cidade de Imperatriz, que fica no Sudoeste do estado do Maranhão e é um dos municípios que fazem parte da Amazônia Legal. Segundo o Redação National Geographic Brasil (2023), Amazônia Legal:

[...] é uma área de aproximadamente 5 milhões de quilômetros quadrados, o que corresponde a 59% do território brasileiro. Engloba nove estados e 772 municípios distribuídos da seguinte forma: Acre (22 municípios), Amapá (16), Amazonas (62), Mato Grosso (141), Pará (144), Rondônia (52), Roraima (15), Tocantins (139) e parte do Maranhão (181) [...] a Amazonia Legal abriga 56% da população indígena brasileira. Em questão de biodiversidade, a área é de suma importância, pois além da floresta tropical, também engloba 37% do Cerrado, 40% do Pantanal e pequenos trechos de formações vegetais variadas.

Estudei e me formei em Pedagogia, no antigo CESI/UEMA – Centro de Estudos Superiores de Imperatriz da Universidade Estadual do Maranhão. Em 1º de novembro de 2016, o governador Flávio Dino assinou a Lei nº 10.525, criando a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

Além de me formar nesta Instituição, também trabalhei por quase oito anos, três no Departamento de História e Geografia e cinco no Departamento de Educação, exercia a função de secretária, na qual preparava, despachava e recebia vários documentos referentes a seletivos de professores substitutos, concursos, programas de disciplinas, dentre outras demandas

relativas aos departamentos. Nesta época eu já era casada, mas por motivos de saúde me ausentei da vida profissional e tornei-me apenas dona de casa e mãe, o que me levou a observar o trabalho doméstico não-remunerado a partir de minha própria experiência de vida.

Desta forma, retornar a vida acadêmica e escolher essa temática foi um passo importante e optar pelo Mestrado em Sociologia também, apesar de todas as dificuldades de dividir o tempo com o cuidado do lar, da família e dos estudos, e principalmente por estar afastada da sala de aula há mais de 10 anos. Essa temática é importante para mim, por fazer parte do grupo a ser estudado e pelo fato do tema pertencer às ciências sociais, que têm um papel importante e fundamental na análise e compreensão do trabalho doméstico não remunerado e suas implicações na sociedade e economia. Ajudam também a entender como o trabalho é construído socialmente e como ele reflete e reproduz as desigualdades de gênero e de classe na sociedade contemporânea.

O motivo de escolha do *locus* desta pesquisa está contido na própria hipótese e foi confirmado pelas entrevistas: observa-se nesta cidade que as mulheres donas de casa, embora de variadas classes sociais, ocupam o mesmo lugar que historicamente é destinado às elas em geral: o espaço privado que as torna invisíveis na teia familiar e na sociedade. Como afirma Michele Perrot (2007, p. 114-115), nas sociedades humanas, o trabalho doméstico é colocado nos ombros das mulheres e é um peso também na identidade delas, marcando “todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa”.

Sobre trabalho, Marx (2013, p. 188) afirma: “a força de trabalho é o próprio trabalho”; para a mulher dona de casa, cuidadora do lar, força motriz de trabalho é o que ela fornece diariamente; como aponta Duran (1983), cada lar é um centro de trabalho que compra no exterior bens e serviços. E a mulher incorpora o seu trabalho à mercadoria e, antes de tudo, o faz em valor de uso para que sirva à satisfação e necessidade, em especial, de sua família. Como apontou Saffioti (1978, p. 36), “os serviços domésticos contribuem para produzir e reproduzir a força de trabalho dos membros da família que, ou já são explorados pelo capital ou o são apenas potencialmente”.

O trabalho doméstico é uma tarefa que exige habilidades e conhecimentos específicos, além de tempo e esforços consideráveis. Também é uma atividade que pode ter um impacto significativo na qualidade de vida dos moradores de uma casa. Como afirma Schwebel (2009, p.257), “definimos o trabalho doméstico como um conjunto de tarefas relacionadas ao cuidado das pessoas e que são executadas no contexto da família – domicílio conjugal e parental – trabalho gratuito realizado essencialmente por mulheres”. Ou seja, o trabalho doméstico é muito mais que limpar, cozinhar, arrumar a casa, é cuidado.

A dimensão do cuidado, segundo Queiroz (2021, p. 33),

Surgiu como categoria relevante para as ciências sociais há cerca de 30 anos e, desde então, tem sido crescente a sua presença em várias linhas de investigação [...] hoje, ele é visto como um trabalho fundamental para assegurar o bem-estar de todos, na medida em que qualquer pessoa pode se fragilizar e se tornar dependente em algum momento da vida.

A autora diz ainda que a economia do cuidado é um conceito que destaca a importância econômica das atividades relacionadas ao cuidado de pessoas. Isso inclui cuidados com as crianças, idosos, pessoas com deficiência e qualquer forma de assistência a indivíduos que necessitam de atenção especial. Essa dimensão econômica reconhece que o cuidado não é apenas uma responsabilidade social ou familiar, mas desempenha um papel vital na sustentabilidade e produtividade da sociedade como um todo.

As atividades de cuidado não só garantem bem-estar à sociedade como também são a base para que outras funções sejam desempenhadas no mundo mercantil. Ninguém trabalha na bolsa de valores, por exemplo, se o banheiro não estiver limpo, se as crianças ou outros dependentes não estiverem sendo cuidados e se os funcionários não estiverem alimentados (Queiroz, 2021, p. 39).

Na mesma linha, Silvia Federici (2019) salienta que a economia do cuidado se refere ao conjunto de atividades e trabalhos necessários para cuidar das pessoas e garantir a reprodução social. Isso inclui o trabalho doméstico, a criação dos filhos, o cuidado de idosos e doentes, entre outras formas essenciais para a manutenção da sociedade. Ela afirma ainda que, ao longo da história, o capitalismo explorou e se beneficiou desse trabalho, majoritariamente realizado por mulheres, sem fornecer compensação adequada ou reconhecimento social.

Federici (2019), destaca que o sistema capitalista desvaloriza o trabalho de cuidado ao não remunerá-lo adequadamente e ao não reconhecer sua importância para a reprodução social, que se refere ao conjunto de atividades e processos necessários para a manutenção e reprodução biológica da população, mas também à reprodução das condições sociais, culturais e materiais que sustentam a vida cotidiana. Federici (2021) enfatiza ainda que a reprodução social é um grande leque, que inclui o trabalho doméstico, o cuidado com crianças, a educação a saúde, entre outras atividades essenciais à própria manutenção da vida e da força de trabalho.

Em síntese, o trabalho doméstico serve o processo de acumulação capitalista. Como já dito, ele abrange variadas atividades referentes à reprodução da vida, “sejam elas desempenhadas gratuitamente ou mediante o pagamento de um salário, contribuem para a

produção de mercadoria especial – *a força de trabalho* – absolutamente indispensável à reprodução do capital” (Saffioti, 1976, p. 41, *grifo da autora*). A maior parte desse trabalho é realizado de forma não remunerada por membros da família, em especial as mulheres.

Saffioti (1976) afirma que à medida que as estruturas familiares evoluem e a participação das mulheres na força de trabalho aumenta, há uma crescente demanda por serviços de cuidado remunerado. Isso abrange profissionais de saúde, cuidadores de idosos, babás e outros profissionais. Todos esses serviços “beiram o valor” por serem subestimados, desvalorizados, por não terem uma remuneração adequada, ou simplesmente não tê-la, por serem invisíveis, já que são realizados nos bastidores, ou seja, longe do olhar público.

Desde as últimas décadas do século XX, o tema sobre a remuneração do trabalho doméstico da dona de casa se tornou pauta discursiva dos movimentos sociais e feministas, europeus e americanos, situando a mulher e gerando reflexões sobre o papel desta, com discussões de cunho político, econômico, religioso, familiar, dentre outras. Essa discussão foi favorecida pela posição feminista que, em suas variadas facetas e possibilidades, tem promovido nos últimos anos diversos estudos em diferentes áreas de conhecimento. Isso proporciona a visibilidade e inclusão da mulher em diversos contextos, tanto acadêmico, social, familiar e historicamente. Ela torna-se autora da sua própria história.

Os movimentos feministas situaram a mulher em diferentes lugares, colocando-a em centenas de contornos sociais e culturais que merecem uma atenção e reflexão. Ou seja, “a emergência do feminismo como movimento social criou as condições necessárias para a legitimação da condição feminina como objeto de estudo” (Bruschini, 1985, p. 3). Autoras como Helena Hirata (2007), Silvia Federici (2021), Maria Duran (1983) e Cristina Bruschini (1985) nos chamam a conhecer e entender os aparecimentos transformadores do papel da mulher, seja na política, economia, religião, família, trabalho etc.

Como afirma Bruschini (2006, p. 3), “a primeira geração de estudos sobre a vida feminina se empenhou exclusivamente na ótica da produção, sem levar em conta o fato de que o lugar que a mulher ocupa na sociedade também está determinado no seu papel de reprodução social”. Tempos depois os estudos se ampliaram para o papel de reprodução dessa força de trabalho que a mulher exercia, originando as primeiras discussões sobre o próprio trabalho doméstico. Desse modo, as pesquisas sobre o trabalho feminino trilharam um novo caminho, pois passaram a evidenciar as junturas entre o espaço produtivo e o reprodutivo.

As pesquisas sobre trabalho doméstico no âmbito familiar se intensificaram e passaram a abordar não apenas as condições de trabalho dessas mulheres, mas também as relações de poder e de gênero presentes nessas atividades. As pesquisas apontaram que o

trabalho doméstico é marcado por relações desiguais de poder, exploração e discriminação de gênero e raça (Bruschini, 2006).

Atualmente, há algumas divergências sobre o significado de trabalho feminino. Matos e Borelli (2012, p. 127) esclarecem que:

O próprio termo é marcado pela polissemia: alguns confundem trabalho feminino com as funções domésticas, os cuidados com a família e a casa, já outros entendem que ele envolve as atividades remuneradas realizadas no próprio domicílio e mesmo a participação das mulheres no mercado de trabalho.

Segundo Federici (2017) o trabalho das mulheres, particularmente o trabalho reprodutivo e doméstico, desempenhou um papel fundamental na reprodução da força de trabalho necessária para o desenvolvimento do capitalismo. Ela critica a ideia da “mulher do lar” como construção ideológica que obscurece a exploração econômica das mulheres e sua contribuição vital para a economia.

Federici (2021) acrescenta que a “mulher do lar” sugere passividade e falta de importância econômica, quando na realidade o trabalho doméstico e reprodutivo desempenha um papel essencial na manutenção do sistema capitalista. Ela argumenta que as mulheres foram historicamente responsáveis por uma quantidade significativa de trabalho não remunerado, incluindo cuidados com os filhos, trabalho doméstico e apoio emocional aos membros da família.

De acordo com Federici (2019) a luta pela remuneração do trabalho doméstico na Europa foi e tem sido uma questão relevante e tem ganhado muito destaque, principalmente na década de 1980 até o presente momento. Segundo ela, na Europa e nos Estados Unidos há um movimento crescente para reconhecer o valor do trabalho doméstico e o impacto econômico que ele tem nas famílias e na sociedade em geral

A luta pela remuneração busca abordar a desigualdade de gênero e a valorização do trabalho, historicamente exercido por mulheres. Federici (2019, p. 27) detalha que:

A campanha por salários domésticos teve início no verão de 1972, na cidade italiana de Pádua, com formação do International Feminist Collective [Coletivo feminista internacional], composto por mulheres da Itália, da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos. O objetivo era provocar um processo de mobilização feminista internacional que forçaria o Estado a reconhecer o trabalho doméstico como um trabalho – ou seja, uma atividade que deve ser remunerada, pois contribui para a produção da força de trabalho e produz capital, favorecendo a realização de qualquer outra forma de produção.

Outro desafio é a invisibilidade do trabalho doméstico no âmbito familiar, resultado de múltiplos processos históricos, políticos, econômicos e sociais muito enraizados. Por esse motivo, faz-se necessário conhecer e discutir o trabalho doméstico não remunerado em suas variadas dimensões.

A invisibilidade doméstica da mulher dona de casa é um fenômeno que ocorre quando não há valorização, reconhecimento e remuneração adequada. A invisibilidade doméstica é um problema que afeta a todas as mulheres que realizam essas atividades e o fato desse trabalho não ser remunerado gera muitas vezes a dependência financeira como apontaram as entrevistas desta pesquisa. Todavia, o trabalho doméstico não remunerado desempenha um papel crucial na economia mundial capitalista, sustentando o funcionamento das casas e permitindo que os outros membros da família participem do mercado de trabalho.

Esse trabalho é subestimado ou até mesmo ignorado nas contas nacionais de produção e no cálculo do Produto Interno Bruto (PIB); no entanto, é uma contribuição vital para o bem-estar e funcionamento da sociedade (Bruschini, 2006). Como já se disse, o trabalho doméstico é responsável por garantir a reprodução social, ou seja, a manutenção e reprodução da força de trabalho. Isso inclui cuidados com a saúde, educação, alimentação e bem-estar emocional dos membros da família. A mulher que realiza as tarefas domésticas faz com que as famílias economizem o dinheiro que seria gasto de outra forma, como a limpeza, cuidado infantil ou alimentação fora de casa.

Finalmente, a invisibilidade doméstica afeta a forma como são vistas e valorizadas as habilidades e competências necessárias para a realização dessas tarefas. Pois, muitas vezes, essas habilidades são consideradas menos importantes do que as habilidades necessárias para os trabalhos remunerados. Essa falta de reconhecimento e valorização do trabalho exercido por mulheres é um reflexo da desigualdade de gênero existente na sociedade. Atividades desenvolvidas no espaço doméstico e sem remuneração, realizadas pelas mulheres, resultam da manutenção da crença de que a responsabilidade pela família e seus membros é dela. Culturalmente se considera o trabalho doméstico como “feminino”, enquanto o trabalho externo à casa é dos homens.

Metodologia

Optou-se por uma abordagem qualitativa, pois essa permite ao investigador uma compreensão mais aprofundada dos indivíduos pesquisados. Acredita-se que a pesquisa qualitativa torna a interação participante e pesquisador importante, pois o observador interage

através dos seus valores dando atenção aos fatores sociais, culturais, políticos e históricos obtidos durante a pesquisa.

Ao contrário da abordagem quantitativa, que se concentra em produzir e analisar dados numéricos, a abordagem qualitativa enfoca a obtenção de informações detalhadas e contextualizadas por meio de observações, entrevistas, análise de documentos, história de vida e outros tipos de dados não matemáticos. Ao conduzir pesquisas qualitativas, os pesquisadores geralmente trabalham com amostras menores de participantes, buscando uma compreensão profunda de suas experiências, motivações e comportamentos.

Para Esteban (2010, p. 130), a pesquisa qualitativa “abrange basicamente aqueles estudos que desenvolvem os objetivos de compreensão dos fenômenos sociais e a transformação da realidade”. Para Flick (2009), a pesquisa qualitativa está focada nos interesses dos participantes e em seus conhecimentos sobre o fato em estudo. Sendo assim, a técnica de investigação utilizada foi a entrevista em profundidade. Segundo May (2004, p. 70), “as entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas”. O autor afirma ainda que na entrevista “as pessoas respondem mais nos seus próprios termos do que nas entrevistas padronizadas”.

Desta forma, a produção de dados se deu através de entrevista “do tipo semiestruturado com um único respondente (a entrevista em profundidade)” (Gaskell, 2002, p. 64 e 82). Para esse autor, “a entrevista individual ou em profundidade é uma conversa que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Antes da entrevista, o pesquisador terá preparado um tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas da pesquisa”. Segundo Gaskell (2002, p. 66), “o tópico guia deveria caber em uma página. Ele não é uma série extensa de perguntas, mas ao contrário, um conjunto de títulos [...] ele funciona como um lembrete para o entrevistador”.

A entrevista em profundidade é amplamente usada em pesquisas sociais, psicológicas e de ciências humanas, e difere das entrevistas estruturadas ou questionários padronizados, pois oferece espaço para respostas abertas e discussões mais detalhadas. O objetivo principal é obter uma compreensão aprofundada das experiências, perspectivas e significados que os participantes atribuem ao fenômeno de interesse. Segundo Haguette (1987, p. 86),

[...] a entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida.

A entrevista em profundidade é uma técnica de pesquisa qualitativa que busca informações ricas e detalhadas sobre experiência, perspectivas e opiniões de um indivíduo. Essa abordagem, permitiu a exploração do tema em questão. Diferente das entrevistas padronizadas, que possuem um conjunto fixo de perguntas, isso permitiu a flexibilidade e abrangência mais completa do tema de estudo.

Isso permite que o entrevistador obtenha mais espaço para sondar além das repostas, estabelecendo um maior diálogo com os entrevistados, facilitando a compreensão da investigação, coletando tanto o que é comum quanto o que é particular a cada caso. Essas entrevistas possibilitaram a colocação livre das participantes.

Gaskell (2002, p. 65) aponta que:

[...] a entrevista qualitativa fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Assim, há uma compreensão maior da experiência das participantes, da individualidade de cada uma, do mundo delas, pois as entrevistas são usadas como um recurso para entender como elas decifram o seu mundo social e neles agem.

Baseando-se nesses pressupostos teórico-metodológicos, elaboramos um roteiro de perguntas semiestruturadas, dividido em três categorias de discussão: história de vida, trabalho doméstico e gênero. Em cada uma dessas categorias, algumas questões foram formuladas para abarcar toda a discussão da pesquisa. Além disso, um questionário socioeconômico foi incluído.

¹

Assim, foram selecionadas seis mulheres moradoras da cidade de Imperatriz com idades entre 34 e 66 anos, de diferentes classes sociais, com realidades díspares e heterogêneas. Todas tiveram seus nomes devidamente alterados. Essas seis mulheres foram contatadas pelas seguintes razões: quatro delas fazem parte do meu ciclo social, de mulheres cujos maridos são professores, enquanto Amélia e Margarida vieram por intermédio de Atena (do meu referido convívio).

Entre os critérios de escolha das entrevistadas, teriam que ser exclusivamente donas de casa por um período contínuo ou superior a cinco anos, deveriam ser casadas, ter ao menos um filho(a) e estarem sem exercer outra atividade remunerada dentro ou fora da sua residência

¹ Essas ferramentas constam no Apêndice.

e pertencerem a diferentes classes sociais. Todos esses critérios foram elaborados com a intenção de reunir mulheres com um tempo razoável de exercício exclusivo das funções domésticas no contexto familiar e de acordo com uma situação de família tradicional (triangular). Outra meta era compreender as diferentes experiências de cada mulher, independentemente do seu nível social e o que esse trabalho representa para cada uma delas.

Foi essencial realizar essas entrevistas em um ambiente onde as participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências e pensamentos de forma honesta e aberta. Santos (2008, p. 97) afirma que “o ambiente natural é o local certo para a colheita dos dados, pois a configuração ambiental engloba e preserva as configurações das incontáveis características da pessoa”.

Assim, as entrevistas ocorreram individualmente, com duração de 60 a 90 minutos. Buscou-se um espaço onde estariam apenas a entrevistada e a pesquisadora. Desta forma, a pesquisa se deu na residência de cada uma delas em horário previamente agendado por cada uma, via telefone. Os encontros ocorreram durante a semana; três delas optaram pela manhã, pois os filhos estavam na escola e elas se sentiram mais confortáveis. As outras três entrevistadas foram abordadas no turno vespertino, pois segundo elas nesse horário estão mais livres, já que a demanda maior de trabalho é durante a manhã em virtude do preparo do almoço. As mulheres entrevistadas no turno matutino utilizaram a cozinha para responder enquanto iniciavam a organização do almoço; as demais, do turno vespertino, preferiram utilizar a sala de estar.

Inicialmente foi apresentado o tema da pesquisa e qual a sua finalidade para cada uma das participantes. Como sugere Gaskell (2002), evitei ler as perguntas do roteiro que elaborei para ter maior naturalidade no processo das entrevistas. Contudo, indaguei as mesmas perguntas a todas as entrevistadas para melhor organização e análise dos dados. Todas as perguntas do roteiro de entrevistas foram feitas independente da ordem.

As entrevistas aconteceram com a maior naturalidade possível, em forma de conversas devidamente gravadas por um celular Samsung A13; todas elas foram devidamente anotadas e, por fim, transcritas, quando “o pesquisador focaliza os dados para entender como elas ocupam-se das suas vidas cotidianas e compara cada entrevista dessa maneira para ver se há semelhanças” (May, 2004, p. 165).

Ao final de cada entrevista foi entregue um questionário socioeconômico, como já mencionado, para que fosse respondido e assinado de próprio punho. Esse questionário também foi explicado no início da entrevista; todas as participantes responderam sem nenhum constrangimento quanto à renda familiar.

A seguir, há uma breve descrição de alguns dados sobre as entrevistadas, produzidos a partir das entrevistas semiestruturadas e do questionário socioeconômico, que serviram como base inicial.

No Quadro 1, foram identificadas informações como: o Estado da federação que viviam antes de chegarem à cidade de Imperatriz, a idade, sua autodeclaração de cor/raça e o número de integrantes da família, além do nível de escolaridade. Essas informações são essenciais e de grande valia para a pesquisa, sendo exploradas no decorrer dos capítulos que analisam os dados produzidos.

QUADRO 1 - DESCRIÇÃO DAS MULHERES DONAS DE CASA (2023)

Nome	Idade	Raça	Naturalidade	C. Social	Escolaridade	Estado Civil	Tempo de casada	Profissão do Cônjuge	Filhos
Lilian	46	Branca	Ceará	Média	Ensino Médio Completo	Casada	25 anos	Professor	2
Atena	35	Branca	Paraná	Média	Superior completo	Casada	6 anos	Professor	1
Márcia	34	Parda	Maranhão	Média	Superior Completo	Casada	12 anos	Professor	2
Julieta	40	Negra	Piauí	Média	Superior Completo	Casada	12 anos	Professor	1
Margarida	60	Branca	Bahia	Média Alta	Superior Completo	Casada	42	Médico, empresário, fazendeiro	4
Amélia	66	Negra	Maranhão	Baixa renda	Ensino Médio Completo	Casada	Mais de 40 anos	Pedreiro	3

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados produzidos em campo.

Desta forma, foram produzidos dois capítulos, onde foi abordado o contexto histórico do trabalho doméstico, evidenciando como ele foi estruturado ao longo do tempo em função das dinâmicas econômicas e culturais. O capítulo também reflete sobre a construção social do papel da mulher, questionando como a divisão sexual do trabalho perpetua desigualdades de gênero. Com base em entrevistas e discussões teóricas, investiga as percepções de mulheres sobre o significado de ser dona de casa e como elas avaliam suas vidas em comparação aos parceiros.

O terceiro e último capítulo aborda as percepções das mulheres donas de casa sobre seu trabalho, explorando como elas o entendem em relação à profissão, à sociedade e aos seus próprios desejos de mudança. Com base nas entrevistas realizadas, investiga-se se as mulheres reconhecem seu trabalho como profissão, como avaliam a visão social sobre suas funções e como lidam com o custo de oportunidade, ou seja, isso refere-se às escolhas que as mulheres precisam fazer ao se dedicar exclusivamente ao trabalho doméstico, como abrir mão de uma

carreira, educação formal ou autonomia financeira. Além disso, reflete sobre as representações internalizadas dessas mulheres em relação à valorização de suas atividades e aos desafios de conciliar vida doméstica e aspirações pessoais.

2 TRABALHO DOMÉSTICO E A QUESTÃO DE SER MULHER DONA DE CASA

O trabalho doméstico, historicamente associado ao papel tradicional da mulher como dona de casa, é um tema de grande relevância social e econômica. Embora esse tipo de trabalho seja fundamental para o funcionamento das famílias e da sociedade, ele frequentemente não recebe o devido reconhecimento. A invisibilidade e desvalorização deste trabalho se reflete em profundas desigualdades, principalmente a de gênero, perpetuando estereótipos e limitando as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres.

Este segundo capítulo tem como objetivo analisar a percepção das mulheres entrevistadas sobre o trabalho doméstico e as atividades realizadas por elas no seu dia a dia; discutir a percepção delas a respeito do que significa ser mulher no contexto de suas atividades diárias e de outras questões de sua existência; examinar como elas veem seu trabalho em relação ao trabalho de seus parceiros. Para atingir esses objetivos, a pesquisa se baseou em quatro perguntas centrais, que foram: 1 – Qual o significado de ser dona de casa para você? 2 – Quais atividades você realiza no seu dia a dia? 3 – Qual o significado de ser mulher? 4 – Como você avalia sua vida em relação à do seu esposo?

O trabalho doméstico remonta há milênios e suas características e significados variam de acordo com as diferentes culturas e períodos históricos. Sempre foi fundamental para garantir a sobrevivência e o bem-estar das famílias, embora sua organização e valorização tenham mudado ao longo do tempo (Bardwick, 1981).

Na antiguidade, o trabalho doméstico desempenhava um papel crucial na vida cotidiana. Em sociedades agrárias, as tarefas domésticas estavam intimamente ligadas ao trabalho agrícola, com as mulheres frequentemente envolvidas na produção de alimentos, cuidado dos animais e preparação de refeições. A divisão do trabalho era fortemente baseada em gênero, com as mulheres assumindo a maior parte das responsabilidades domésticas, enquanto os homens se dedicavam a atividades externas, como caça, pesca ou comércio Matos e Borelli (2012).

Durante o período medieval, o trabalho doméstico adquiriu uma complexidade maior à medida que as atividades econômicas se diversificaram. Mulheres e crianças desempenhavam uma ampla variedade de tarefas domésticas, incluindo produção de alimentos, tecelagem, costura, fabricação de velas e cuidado dos doentes. Além disso, a mão de obra

doméstica muitas vezes era complementada por servos e trabalhadores contratados, especialmente nas famílias mais abastadas.

Essa evolução histórica do trabalho doméstico reflete não apenas as demandas práticas da vida cotidiana, mas também as estruturas sociais e econômicas de cada período. Ainda assim, em todos os contextos, o trabalho doméstico desempenhou um papel crucial na sustentação das famílias e na reprodução social.

Com a Revolução Industrial, a estrutura do trabalho doméstico passou por mudanças significativas. Federici (2021, p.157) aponta que o

Trabalho doméstico, como o conhecemos, é uma estrutura bastante recente, datada do fim do século XIX e das primeiras décadas do século XX, quando, pressionada pela insurgência da classe trabalhadora e pela necessidade de mão de obra mais produtiva, a classe capitalista da Inglaterra e dos Estados Unidos começou uma reforma social que transformou não apenas a fábrica, mas a comunidade, o lar e, antes de tudo, a posição social das mulheres.

Como bem apontado pela autora, sabe-se que esse modelo se alastrou pelo resto do mundo ocidental. Durante o século XX, com a expansão dos movimentos feministas e o reconhecimento dos direitos das mulheres, houve uma mudança no entendimento e na valorização do trabalho doméstico. O reconhecimento de que o trabalho doméstico é um trabalho produtivo e necessário para a sociedade começou a ganhar espaço, e surgiram reivindicações por melhores condições de trabalho e reconhecimento desse tipo de atividade.

Segundo Bruschini (1985) o trabalho doméstico engloba uma série de atividades e cuidados diários, tarefas essas que vão desde limpeza a administração total do lar. É nesse ambiente que nos deparamos com a desigualdade de gênero. As atividades domésticas são uma esfera de trabalho que, historicamente, foi atribuída principalmente às mulheres. Essa divisão reflete e reforça as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade.

O trabalho doméstico é fundamental para a reprodução social e para o funcionamento da economia, ele geralmente não é reconhecido como um trabalho valorizado e remunerado. As donas de casa e mulheres que se dedicam a essas atividades enfrentam a invisibilidade, a sobrecarga de trabalho e a falta de autonomia financeira.

Bruschini (2006) discute a importância de repensar as divisões tradicionais de gênero no trabalho doméstico e promover uma redistribuição mais equitativa das responsabilidades familiares. Ela defende a necessidade de políticas públicas, como a ampliação de licença parental, a oferta de serviços de cuidado infantil acessível e de qualidade,

e a promoção de uma divisão mais igualitária do trabalho doméstico e o reconhecimento do seu valor, para que assim possamos mudar a realidade em que vivemos.

Dentro desse contexto, percebe-se que o trabalho doméstico desempenha um papel fundamental na sustentação da própria sociedade. Como afirmam Camarano e Pinheiro (2023, p. 48), ele vai além de um serviço:

Para que possa existir o trabalhador ideal, portanto, é preciso haver alguém que realize o trabalho de cuidado da casa, das crianças, das pessoas idosas e do homem trabalhador, garantindo que este esteja apto a exercer seu trabalho remunerado, tendo suas necessidades de higiene, conforto, alimento, afeto e sexo supridas. Trata-se, assim, precisamente, de pressupostos sociais para a organização do cuidado.

Portanto, é importante reconhecer que o trabalho doméstico é uma peça central na economia do cuidado. O trabalho doméstico e a economia do cuidado estão ligados diretamente, ou seja, são conceitos inter-relacionados que desempenham um papel fundamental na estruturação da sociedade e da economia. A intersecção entre trabalho doméstico e economia do cuidado é crucial para entender como a sociedade organiza e valoriza o trabalho necessário para a reprodução social.

Segundo Camarano e Pinheiro (2023, p. 82),

O cuidado é o conjunto de bens e atividades que permitem às pessoas se alimentar, se educar, estarem sãs e viver em ambiente adequado para a vida saudável. Sendo constituído por três dimensões: a material, que implica trabalho; a economia, que implica custos; e a psicológica, que implica vínculo afetivo.

Ou seja, a economia do cuidado é um conceito que se refere ao conjunto de atividade econômicas relacionadas ao cuidado e à manutenção da vida humana. Isso engloba uma variedade de tarefas e serviços que são necessários para garantir o bem-estar físico, emocional e social das pessoas ao longo de suas vidas. Para Mary Daly e Jane Lewis (2000, p. 227-228 *apud* Camarano; Pinheiro, 2023, p. 83), cuidado é um conceito multidimensional, com destaque para três dimensões:

A primeira é a do cuidado como trabalho, que chama a atenção para a natureza do trabalho e da atividade em geral [...]. A segunda dimensão do conceito localiza o cuidado dentro de um quadro normativo de obrigação e responsabilidade [...] em terceiro lugar, concebemos o cuidado como uma atividade com custos, tanto financeiros quanto emocionais, que ultrapassam as fronteiras entre o público e o privado.

Esse conjunto de atividades que formam o cuidado são essenciais para o funcionamento da sociedade e para a reprodução social, no entanto, majoritariamente o trabalho de cuidado muitas vezes é subvalorizado e não remunerado no caso das mulheres que são donas de casa.

A economia do cuidado está intrinsecamente ligada às mulheres devido à longa história de sua participação nesse setor. As mulheres desempenham um papel central na prestação de cuidados em contextos familiares e comunitários. Isso inclui cuidados com crianças, idosos, membros enfermos ou com deficiência da família, bem com as tarefas domésticas. Camarano e Pinheiro (2023, p. 30) afirmam que:

A dimensão do cuidado como trabalho, por sua vez, diz respeito à forma como historicamente a sua responsabilização recaiu sobre as mulheres em um processo de naturalização dessa atribuição, à divisão sexual do trabalho, à feminização das profissões do cuidado e a sua desvalorização, em particular, ao exercício do trabalho doméstico remunerado, entre outras questões.

Essa dimensão do cuidado ser realizado predominantemente por mulheres, especialmente quando elas não recebem remuneração, pois trabalham na própria casa e com sua família, tem várias consequências, que limitam as oportunidades de participarem plenamente do mercado de trabalho, alcancarem independência financeira e ascenderem em suas próprias carreiras. O ônus desse trabalho muitas vezes impede que as mulheres dediquem tempo e energia a suas carreiras profissionais. Como apontaram Pereira, Fontoura e Pinheiro (2016, p. 22),

Ao atrelar às mulheres a responsabilidade pelos cuidados a pessoas e afazeres domésticos, a divisão sexual do trabalho é em geral responsável pela interrupção da carreira profissional e pela opção por empregos de menor carga horária (e mal remunerados) pelas mulheres, seja pela dedicação exclusiva aos filhos pequenos ou a outras pessoas em situação de dependência, seja em virtude da carga de trabalho demandada pelos demais afazeres domésticos.

Ou seja, a responsabilidade pelos cuidados domésticos e familiares impede as mulheres de buscar oportunidades de emprego, limitando seu desenvolvimento profissional e econômico. Muitas mulheres encontram dificuldades em continuar sua educação devido à falta de tempo e, dependendo da sua classe social, outro empecilho será a falta de recursos financeiros. É o que se verá no caso de nossas entrevistadas, discutido logo a seguir.

2.1 O trabalho doméstico na percepção das mulheres

Neste tópico sobre “trabalho doméstico” na percepção das mulheres, abordou-se o significado de ser dona de casa e as atividades realizadas por elas no seu dia a dia. Essas questões são essenciais para compreender a dimensão do trabalho doméstico na percepção de cada uma.

O trabalho que a mulher dona de casa executa tem um papel central e multifacetado no contexto doméstico e familiar. Para compreender melhor essa realidade, é essencial conhecer as percepções e significados atribuídos pelas próprias mulheres que assumem essa função. A primeira questão aqui tratada buscou capturar essas perspectivas individuais, revelando a complexidade e a riqueza das experiências pessoais. Através dela, podemos explorar não apenas as atividades desenvolvidas, mas também as emoções e desafios que acompanham esse papel. Essa abordagem permite conhecer e compreender melhor a percepção do trabalho doméstico e sua importância na vida dessas mulheres.

Questão: Qual o significado de ser dona de casa para você?

Lilian respondeu após uma longa pausa:

Gosto de fazer minhas próprias atividades sem precisar está pedindo ajuda, mas confesso que não é fácil. Um trabalho *muito exaustivo, sem reconhecimento* algum. *Exaustivo, sem reconhecimento* dos demais. Meus familiares nem se dão conta do quanto as vezes estou cansada, acho que eles pensam que a casa, a comida, as roupas tudo são feitos por mágica (risos).

Atena afirmou que, “na verdade, significa *cuidar* da minha casa, do meu filho e marido. Não terceirizar isso. Eu acho que seja isso. Pelo menos para mim”. Para Márcia:

É uma parte muito boa, mas (ah!), tem outra parte que acarreta muito a gente, tornando o *trabalho árduo*, que não tem fim, dona de casa sabe que o trabalho *nunca acaba*, né?! É diferente de quando você trabalha fora de casa, que você deixa o trabalho lá e dentro de casa não, você não para e o trabalho é de domingo a domingo (...) é um papel *cansativo*, mas é gratificante tá presente com a família, mas pouco *desgastante*.

Julieta afirmou:

Pra mim, o significado de ser dona de casa é *ser responsável por todas as tarefas da casa, mesmo que tenha alguém para me ajudar*, me auxiliar, ainda sim tem a responsabilidade de garantir é que, tudo esteja em ordem. Ser dona de casa é cuidar das tarefas de casa, como por exemplo, limpar, cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos, sendo que no caso, eu tenho somente uma filha (é)... (pausa) sendo muitas vezes um trabalho, mas que muitas vezes o trabalho de casa ele se torna *exaustivo, por não ter hora exata para o descanso*.

Margarida declarou:

Ser dona de casa foi muito bom, pude acompanhar de perto a criação dos meus filhos. Esse papel me representou bastante, hoje os meus filhos são muito bem de vida, tenho uma médica, uma dentista, um gestor em tecnologia da informação e um rapazinho finalizando o ensino médio, mas quer seguir a profissão do meu esposo, ele quer ser médico. Então, eu acho que sou responsável pelo sucesso dos meus filhos, pois me dediquei a criá-los muito bem e não me arrependo de nada. Hoje *eu poderia ter sido outra pessoa*, quem sabe, né? *A juíza, será?!* (risos)

Por fim, Amélia garantiu: “tem bastante significado, pois faço minhas coisas, do jeitinho que eu gosto, sem ninguém dar palpite, é isso.”

No decorrer das entrevistas surgiram muitos relatos quanto ao significado de ser dona de casa: para Lilian ficou claro que é um trabalho exaustivo, sem reconhecimento. Márcia também apontou sobre ser um trabalho árduo, cansativo e desgastante, assim como Julieta. A exaustão doméstica, o trabalho rotineiro e desgastante são uma realidade com a qual muitas mulheres lidam diariamente. O ambiente doméstico até pode parecer reconfortante e seguro, porém camufla um lugar de trabalho árduo e de demandas constantes e exaustivas como elas mesmas apontaram.

Para Federici (2019), o papel da dona de casa é frequentemente subestimado e desvalorizado pelo sistema patriarcal e capitalista. Ela destaca que o trabalho doméstico consome tempo e energia significativos, mas que passam despercebidos e não são valorizados na mesma medida que o trabalho remunerado. Dessa forma, isso gera uma sobrecarga de responsabilidades e resulta em exaustão, desgastes, como foi apontado pelas donas de casa Lilian, Márcia e Julieta. Duran (1983, p. 19) afirma que “a dona de casa não trabalha apenas com suas mãos e com a cabeça: toda ela está a serviço de seu trabalho porque todas as atividades, durante a sua vida, dia e noite, estão permeadas pela ideia do dever e da obrigação”.

A vida da mulher dona de casa é frequentemente caracterizada por uma série de desafios e responsabilidade árduas. Como citado por Márcia, “*o trabalho é de domingo a domingo*”. Ou seja, os afazeres domésticos ocupam grande parte do tempo e energia das donas de casa. Duran (1983, p. 23) explicita bem quando diz que o trabalho realizado pela dona de casa

Mal terminado já é consumido e destruído e necessita ser recomeçado. Apenas limpo e está de novo sujo. Apenas terminado o trabalho na cozinha e já desaparecem os alimentos e é preciso pensar em uma nova refeição. Um dia igual ao outro, sem descanso nos feriados, nem férias, nem pausas. Um trabalho que começa de manhã cedo e dura até a noite. E cada manhã recomeça no mesmo lugar que no dia anterior.

Outro fator crucial para as donas de casa é a maternidade e o cuidado com os filhos, que ocupam um lugar central em suas vidas. Muitas vezes, essa responsabilidade é um dos principais motivos que impedem essas mulheres de trabalharem fora de casa. Durante as entrevistas, todas as participantes relataram suas rotinas árduas e descreveram como é estar com a família e perto dos filhos, sendo responsáveis pela criação deles, foi gratificante, mas também extremamente cansativo. Elas consideram o cuidado com os filhos como algo recompensador, porém, isso não diminui o fato de ser tarefa exaustiva e difícil. Para além dessas questões, Duran (1983, p. 23) afirma que:

A dona de casa tem trazido ao mundo a futura força de trabalho, os futuros trabalhadores da economia doméstica e da economia exterior. Seu trabalho permite aos novos membros da família que se preparem para o momento em que possam converter-se em nova força de trabalho disponível, em novos sujeitos produtores da sociedade. São necessários muitos anos de cuidado até que os novos membros estejam em condições de oferecer e trocar sua capacidade produtiva, tanto em novas economias domésticas como em centros exteriores de trabalho.

Federici (2019, p. 68) afirma que o trabalho doméstico também é: “cuidar das nossas crianças – os trabalhadores do futuro –, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo”.

Quando uma mãe cuida de seus filhos pequenos ela está investindo não apenas no bem-estar imediato das crianças, mas também no futuro da sociedade. O cuidado infantil de qualidade nos primeiros anos de vida é crucial para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social dos filhos. Portanto, a escolha de cuidar dos filhos em tempo integral é uma decisão que acarreta muito a vida de uma mulher.

Nesse sentido, Bruschini (2006) ressalta que a maternidade ainda é um dos principais motivos para as mulheres se manterem afastadas dos espaços públicos, em questões de arrumarem trabalho fora de casa, dar continuidade aos estudos. Ela afirma também que a responsabilidade pela criação dos filhos é o principal fator na decisão das mulheres de deixar o mercado de trabalho.

Todavia, segundo Federici (2019) essa escolha não deve ser analisada de forma individual, mas também em relação às dinâmicas de poder e às estruturas econômicas que moldam as opções disponíveis para as mulheres, deixando-a muitas vezes sem opção, já que as políticas públicas são escassas, as creches que deveriam funcionar não existem, não sobra a essas mulheres uma rede de apoio para que elas possam ter escolha.

Em suma, o trabalho doméstico realizado por essas mulheres é essencial para a coesão e bem-estar social, mesmo que isso signifique o fato delas viverem isoladas por tais trabalho, conforme se verá nos relatos. As atividades diárias delas, conforme apontado por Federici (2019) e Duran (1983), abrangem uma ampla gama de tarefas essenciais que sustentam a vida familiar. Tais atividades realizadas são indispensáveis para o funcionamento da sociedade e para a dimensão do trabalho produtivo.

Questão: Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

O objetivo dessa segunda questão é entender as atividades diárias realizadas pelas informantes desta pesquisa, explorando a variedade de tarefas e responsabilidades que elas assumem. Isso permite obter uma visão detalhada da carga de trabalho envolvida e do papel multifacetado que elas desempenham no contexto doméstico. Portanto, a questão busca explorar a rotina dessas mulheres, destacando a diversidade de tarefas que compõem seu cotidiano.

Nesse sentido, Lilian afirmou: “Bem, eu que faço todas as atividades domésticas, levo os filhos à escola, auxílio nas atividades escolares etc. E sabe?! Na pandemia, comprei uma máquina de costurar e desde então estou me arriscando, produzindo várias coisas, como bolsas, estojos, máscaras e várias outras coisas.”

Atena relatou: “Bem, eu cozinho, lavo roupa, cuido das compras, cuido dos detalhes para levar filho na escola. Mas tento tirar um tempo para meus exercícios físicos e lazer. Adoro passear, quando tenho tempo, jantar fora, visitar alguns amigos, o que não ocorre sempre pelo tempo corrido”.

Márcia falou:

Eu acordo né, faço o café das crianças, onze e meia me organizo e faço o almoço pras crianças irem pra escola e a tarde eu faço todas as coisas de casa, arrumar, limpar, lavar, essas coisas sem fim. Depois corro e busco as crianças na escola, e aquela loucura, quando pisco os olhos já é de manhã, de novo (risos), né?!

Julieta descreveu:

As atividades que eu realizo no dia a dia é algo de rotina, que se repete todos os dias, né?! Eu acordo, preparo a refeição, lavo roupa, limpo a casa, cuido da minha filha (pausa) com relação a higiene né?! Cuidar do banho e também auxílio ela nas atividades da escola, e às vezes também vou buscar ela na escola.

Segundo Margarida, “Bem, aqui quem faz a comida sou eu, pois cuido com cuidado (risos) do meu esposo, pois ele segue dieta. É basicamente isso que faço. E claro, administro toda a casa e tudo que aparecer, sou eu quem faço. Meu esposo não tem preocupação”. E, Amélia disse: “Trabalho bastante aqui, eu faço tudo, absolutamente tudo. Eu limpo, eu lavo, eu cozinho, eu encho os litros, lavo banheiro. Bem, tudo, né?!”

Conforme relataram as entrevistadas, as atividades realizadas por elas em seus lares incluem limpeza, cozinhar, lavar, levar as crianças à escola e ajudar nas tarefas escolares dos filhos. A exceção de Margarida e Amélia, que não têm mais filhos pequenos, e Margarida que relatou fazer apenas a comida e administrar tudo relacionado à casa.

Além dessas atividades cotidianas, muitas delas mencionaram a importância de organizar a rotina familiar, cuidar da saúde e bem-estar dos membros da família, e, em alguns casos gerenciar o orçamento doméstico.

Duran (1983, p. 22) afirma que “à dona de casa corresponde manter e cuidar do patrimônio familiar que permite atender à família”. Essa afirmação da autora ficou constatada nas falas das donas de casa, em especial a da Margarida, que cuida do patrimônio da família. A autora Duran (1983, p. 26) também explicita bem as falas de Lilian, Atena, Márcia e Julieta, quando diz que “a casa é sua oficina de trabalho, a maioria das suas saídas é para levar e trazer os filhos da escola, onde são também saídas para o trabalho”. Duran (1983, p. 21) aponta ainda que

Não existe nenhum trabalho tão necessário em nossa economia como o das donas de casas e nas condições atuais, a divisão das tarefas que elas fazem, entre os trabalhadores da economia exterior, requereria uma massa de trabalhadores três vezes maior do que o número atual de trabalhadoras na economia.

Ou seja, as mulheres são levadas a aprender a exercer vários papéis, como apontou Federici (2019, p. 50):

Não apenas nos tornamos enfermeiras, empregadas domésticas, professoras, secretárias – todas as funções para as quais fomos treinadas dentro de casa –, mas estamos no mesmo tipo de relação que dificulta a nossa luta dentro de casa: isolamento, o fato de que a vida de outras pessoas depende de nós, a impossibilidade de enxergar onde começa o nosso trabalho e onde ele termina, onde nosso trabalho termina e começam os nossos desejos.

Duran (1983) argumenta que o trabalho doméstico não remunerado desempenhado por mulheres é crucial para a reprodução social, como falado anteriormente, pois sustenta a força de trabalho e possibilita a acumulação de capital. Federici (2021, p. 29) explica que:

[...] a disponibilidade de mão de obra bem disciplinada é condição essencial para a produção em todos os estágios do desenvolvimento capitalista. É por isso que até hoje nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o trabalho doméstico e a família são os pilares da produção capitalista.

A autora supracitada argumenta que a família desempenha um papel crucial por meio do controle e da exploração, em especial, das mulheres. Em outro texto, ela afirma que a família patriarcal foi essencial na criação de uma reserva de mão de obra gratuita e controlada (Federici, 2017). Para isso, a disciplina do trabalho e a obediência às normas sociais foram ensinadas e mantidas dentro da estrutura familiar. A família foi um componente crucial na acumulação de capital, desempenhando um papel na manutenção da disciplina necessária para o funcionamento do sistema capitalista. A autora afirma ainda que, essa exploração e controle do trabalho foram prejudiciais às mulheres e à sociedade como um todo, perpetuando a desigualdade de gênero e de classe.

2.2 Ser mulher na visão das entrevistadas

Este tópico tem como objetivo discutir a percepção das mulheres entrevistadas a respeito do que significa ser mulher no contexto de suas atividades diárias e de outras questões de sua existência. Para analisar essas percepções recorre-se às considerações de gênero e identidade.

Nas Ciências Sociais, gênero e identidade são conceitos relacionados à forma como as pessoas se identificam dentro de uma sociedade. O gênero é uma construção social que engloba as características, papéis e expectativas atribuídas a homens e mulheres. É também “um referencial importante quando se trata de aferir a igualdade de forma mais ampla na sociedade moderna” (Araújo; Scalon, 2005, p. 17).

Já a identidade de gênero está associada à experiência subjetiva de ser e se ver como mulher ou homem. No entanto, é importante lembrar que não existe uma única maneira de ser mulher ou homem e a identidade de gênero pode variar de pessoa para pessoa, pois é uma construção complexa que envolve fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Embora seja uma experiência pessoal e subjetiva, a identidade de gênero é utilizada amplamente pela sociedade para moldar o lugar da mulher e do homem, pois desde cedo já podem internalizar os papéis que lhe são conferidos. Nesse sentido, a sociedade desempenha um papel significativo na construção e definição do que é considerado feminino; o mesmo ocorre com as profissões, pois muitas delas são feminizadas.

As normas de gênero tradicionalmente atribuem às mulheres a responsabilidade primária pelo cuidado do lar e da família. Essa divisão social do trabalho, vista como natural ou inerente ao feminino, reforça a ideia de que as mulheres devem ser as cuidadoras e administradoras do lar. Desta forma, é importante inquirir as entrevistadas sobre o significado de ser mulher para se entender a diferenciação de cada um dos papéis exercidos por elas e verificar se há imbricação entre esses papéis.

Questão: Qual o significado de ser mulher?

Lilian apontou:

Ser mulher pra mim é carregar o mundo nas costas. Temos que dar conta de tudo. Ser mãe, fazer as tarefas domésticas, dar atenção ao marido e tentar tirar um tempinho pra si mesma (que quase não sobra tempo). Assim a realização profissional vai ficando pra trás.

Ela acrescentou:

Eu gostava muito de ter minha profissão, minha própria renda. Fechei meu salão e fui embora, na nova cidade eu não conhecia ninguém, até pensei em abrir um salão, mas sem a minha rede de apoio familiar [que] não existia mais, dessa maneira fiquei apenas com o cuidado doméstico e familiar.

Já Atena relatou: “vim de uma cultura que *mulher tem que aguentar tudo*, ser forte e ser o pilar da casa. Vejo que nasci na melhor época, que estamos desmistificando isso, que podemos mostrar que temos vontades e desejos.” Para Marcia, “Ser mulher é ser positiva, forte, guerreira, mãe”. Ela afirmou ainda que “ser dona de casa traz certas *inseguranças (...)*, pois na *falta do esposo*, quem iria manter a casa? O sustento dos filhos e tudo mais”. Por sua vez, Julieta afirmou que:

É muito desafiador ser mulher, principalmente as que exercem apenas o papel de dona de casa, pois com o casamento surgem diversas responsabilidades, embora possua ajuda dentro de casa, isso não diminui o fato central de sua responsabilidade enquanto esposa, mãe, dona do seu lar.

Para Margarida, ser mulher é:

É *renunciar* a muitas coisas, de um *sonho*, de uma carreira profissional, de tantas coisas. Não é fácil estar em uma era moderna e ouvir o tempo todo que lugar de mulher é onde ela quiser. Não é bem assim, pois é muito difícil você sair e tentar ser quem

você sonha ou almeja, que há muitas barreiras para ir e fazer, que discursos bonitos são fáceis, mas que a realidade é completamente diferente, de repente você se pega comparando sua vida com a vida de outras pessoas, *se culpa por não ter ido e feito diferente*, que muitos conseguem, que *você foi fraca por não ter feito diferente*.

Amélia socializou que para ela ser mulher “é tudo (risos), eu gosto de ser mulher, mulher é diferente, é mais atenciosa, mais calma, mais forte, *não é como homem egoísta, ignorante*”.

Cada participante descreveu sua percepção acerca do que é ser mulher; todas tiveram uma ideia distinta, que vai desde *carregar o mundo nas costas, aguentar tudo, ser forte, guerreira, mãe, renunciar aos sonhos a ser calma*. E, muitas das vezes, ser mulher se confunde com ser dona de casa.

Para Safiotti (1976), ser mulher implica estar imersa em um sistema social que reproduz desigualdades tanto de gênero quanto de poder. Ela analisa como as estruturas sociais, o patriarcado e o machismo moldam as experiências das mulheres, limitando suas oportunidades e impondo normas e expectativas específicas. E essa análise vai em concordância com o que Lilian, Atena e Márcia relataram, que abdicaram da sua profissão e do seu emprego para que seus maridos pudessem se realizar profissionalmente em outro estado.

Safiotti (1976) examina como que as estruturas de poder patriarcal influenciam em todos os aspectos da vida da mulher, desde a esfera doméstica até a participação no mercado, na política e na economia. Ela destaca como essas estruturas operam para manter as mulheres em posição de subordinadas na sociedade. Estruturas essas que vão desde a família patriarcal a legislações e políticas discriminatórias.

Segundo Bruschini (1985), atuando nas atividades domésticas muitas vezes não sobra tempo para a mulher planejar ou pensar em outra vida que não seja ser dona de casa. Ou seja, essas atividades e responsabilidades que recaem sobre as mulheres marcam tanto que algumas das entrevistadas acreditam que fazer o trabalho doméstico está relacionado ao ser mulher.

Como se depreende de Prado (1977, p. 97), há nessas mulheres “disponibilidade para acudir as necessidades indefiníveis não específicas de sua família”. Talvez porque “O trabalho da dona de casa é feito sobre as coisas e as pessoas, mas sempre para as pessoas” (Duran, 1983, p. 24). Essa passagem de Duran explicita o que Margarida e Julieta relataram em suas falas sobre a responsabilidade doméstica recair sobre elas, resultando na renúncia de seus próprios sonhos, uma vez que estão ocupadas cuidando das necessidades de sua família. Para elas, a necessidade familiar está acima das suas próprias vontades e desejos.

Por outro lado, Federici (2021) reconhece que as mulheres donas de casa têm suas próprias vontades e desejos, que podem incluir a busca por autonomia, realização pessoal e participação ativa em outra área de suas vidas. Elas desejam muitas vezes tomar o controle de suas próprias vidas, serem autônomas, terem escolhas sobre seu trabalho e suas relações.

No quesito de serem autônomas, umas das entrevistadas, em especial a Márcia, relatou insegurança financeira em uma suposta falta do esposo (falecimento ou uma separação), isto é, quem cuidaria dela e dos filhos, já que ela não possui renda própria. Na verdade, três participantes estão nessa mesma situação; apenas Amélia já é aposentada. E Lilian já iniciou uma atividade extra; ela começou a costurar em casa e afirmou que tem vários projetos para que possa vender cada peça feita em seu ateliê.

Ao que indicam os relatos, essa dependência financeira afeta a vida dessas mulheres, pois aumenta a vulnerabilidade delas, já que, sem recursos próprios, muitas se sentem incapazes, com baixa autoestima. A dependência financeira cria dinâmicas desiguais nos relacionamentos. As mulheres sentem-se subordinadas aos parceiros que são seus provedores financeiros, o que pode levar a uma relação insatisfatória, ou mesmo de insegurança como apontou Márcia.

Nesse sentido, Federici (2019, p. 73) ressalta que “a família é essencialmente a institucionalização do nosso trabalho não assalariado, da nossa dependência não assalariada dos homens e, conseqüentemente, a institucionalização da divisão desigual do trabalho que tem disciplinado a nós e também aos homens”. Portanto, a dependência financeira dessas mulheres é um produto das estruturas interligadas do patriarcado e do capitalismo, que desvalorizam o trabalho feminino e restringem suas oportunidades.

Amélia é uma das donas de casa mais velhas, vem de um modelo familiar conservador, onde ainda se atribuem papéis fixos aos gêneros. Apesar disso, em seus saberes populares, ela atribuiu outros fatores ao “ser mulher”: ela considera as mulheres *calmas* e os homens *egoístas* e *ignorantes*. Quer dizer, ela se percebe diferente e melhor do que um homem.

Mas no Ocidente, como apontou Beauvoir (2016, p. 14),

Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo “eterno feminino” e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher?

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

Beauvoir (2016) via os homens como parte de um sistema social que perpetuava a opressão das mulheres, mas não os considerava inerentemente malévolos. Ela acreditava que a mudança era possível através da conscientização e da luta contra as normas de gênero estabelecidas.

De acordo com Beauvoir (2016), ser mulher não é uma condição biológica estática, mas uma construção social moldada pelas normas e expectativas impostas pela sociedade patriarcal. Ela argumenta que as mulheres são frequentemente definidas em relação aos homens, relegadas a um papel secundário e subordinado. Beauvoir chama isso de alteridade, uma condição na qual as mulheres são consideradas o outro em relação ao homem, o padrão pelo qual a humanidade é medida. Sendo assim, a mulher passa a ser constantemente definida pelos estereótipos de gênero; condicionada a aceitar sua subordinação como algo natural, o que perpetua a opressão e a desigualdade de gênero.

Ainda segundo Beauvoir (2016), a mulher está inserida em uma rede de relações de poder e normas sociais que historicamente a têm oprimido. Contudo, ela também possui capacidade de se libertar dessas restrições ao assumir sua própria existência como sujeito autônomo. Em outras palavras, as mulheres devem rejeitar a passividade imposta pelas estruturas patriarcais e devem buscar ativamente sua identidade. Esse processo de libertação não é fácil, pois implica um confronto direto com as normas e expectativas da sociedade.

Em suma, ser mulher envolve reconhecer e desafiar as limitações impostas, entendendo que a identidade feminina é moldada pelas relações sociais e de poder. A liberdade feminina consiste na capacidade de rejeitar a passividade, afirmar sua própria existência e autonomia, podendo transformar a própria posição dentro da sociedade.

2.3 Como elas veem seu trabalho em relação ao trabalho de seus parceiros

Vamos iniciar este tópico pela reflexão sobre a desigualdade de gênero, uma questão recorrente nos dados produzidos nesta pesquisa.

A desigualdade de gênero refere-se às disparidades e injustiças sociais, econômicas e políticas baseadas no gênero. Ela abrange diversas áreas da vida, incluindo o acesso a oportunidades educacionais, emprego, salários, representação política, tomada de decisões, direitos reprodutivos, relações interpessoais na família (que podem fundamentar a violência de gênero) e normas culturais.

Essa disparidade de gênero afeta desproporcionalmente as mulheres, embora também possa afetar outras identidades de gênero. Em muitas sociedades, as mulheres

enfrentam barreiras e discriminação sistemática, que limitam suas oportunidades e negam seus direitos básicos. Como afirma Bourdieu (2002, p. 11),

[...] a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas sexuadas), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e no *habitus* dos agentes.

Para Bourdieu (2002), a dominação masculina é uma forma sutil e internalizada de controle social exercido pelos homens sobre as mulheres, que vai além de simples manifestações de opressão física ou jurídica. Ele afirmava que a dominação masculina era sustentada por vários mecanismos simbólicos e culturais, incorporados nas mentalidades e comportamento das pessoas, muitas vezes de maneira inconsciente.

A questão da desigualdade de gênero também pode ser rebuscada em Marx (2002) embora em suas análises ele não tenha voltado sua atenção explícita a esse tema. Porém, Marx enfocou a relação entre classes sociais e a exploração econômica no contexto do capitalismo. Segundo Marx (2002), a desigualdade de classes é inerente a esse sistema, em que os trabalhadores vendem sua força de trabalho aos proprietários dos meios de produção em troca de salário.

Por mais que Marx não tenha aplicado sua análise de classes a desigualdade de gênero, muitas estudiosas marxistas como Saffioti (1976), Duran (1983), Bruschini (1985), Hirata (2002), Federici (2019), dentre outras autoras, partiram desse conceito marxista para desenvolver a ideia de que a desigualdade de gênero é uma forma de opressão adicional dentro do sistema capitalista, que opera em conjunto com a exploração de classe. No que se refere à atividade doméstica, essas autoras marxistas enfatizam que o trabalho não remunerado realizado pelas mulheres em seu lar contribui para a acumulação de capital ao sustentar a força de trabalho; questão já tratada quando as entrevistadas detalharam as suas atividades cotidianas que pertencem ao campo da reprodução do trabalho.

Como apontaram Camarano e Pinheiro (2023, p. 440),

Os estudos feministas deram uma importante contribuição para ampliar esse entendimento, trazendo para dentro do conceito de trabalho todas as atividades que, realizadas de forma não remunerada, também produzem bens e serviços que permitem que as sociedades se reproduzam e que as economias funcionem. Ou seja, não é apenas o trabalho realizado no mercado de trabalho que produz algo, mas todo o trabalho realizado no espaço doméstico de forma não remunerada, para garantir a reprodução da vida, é também produtor, ofertando a sociedade não apenas serviços, mas também bens e produtos.

Embora não seja o caso de nossas interlocutoras, as autoras também apontam que as mulheres são frequentemente colocadas na posição de subalternas no mercado de trabalho, enfrentando salários mais baixos e são excluídas da posição de poder e decisão. Além disso, enfatizam como as normas de gênero e as relações sociais patriarcais são reforçadas e reproduzidas pelo sistema capitalista. Desta forma, a desigualdade de gênero é vista como uma forma de opressão que interage com a exploração de classe. A luta por igualdade de gênero, nessa perspectiva, está intimamente ligada à luta por uma transformação que busca superar tanto a exploração quanto a opressão de gênero.

Para Saffioti (1987), a dominação masculina refere-se a um sistema de hierarquia de gênero em que os homens detêm uma posição de poder e privilégio sobre as mulheres. Ela aponta ainda que essa dominação não é apenas um fenômeno cultural, mas também é estrutural e está incorporada nas instituições sociais e nas relações de classe. Essa dominação é uma construção social que favorece os homens em detrimento das mulheres e se manifesta em diversas esferas da vida, incluindo a família, o mercado de trabalho, a política e a cultura. A autora destaca ainda como as normas de gênero e as expectativas sociais reforçam a subordinação das mulheres e limitam suas oportunidades de autonomia e realização.

Essa questão da dominação masculina imbricada com a desigualdade de gênero é vislumbrada na questão apresentada a seguir. Nesta, explora-se a relação das mulheres com os seus cônjuges, em especial, a questão da divisão de responsabilidades, trabalhos e tarefas familiares.

Questão: Como você avalia sua vida e seu trabalho em relação a do seu esposo?

Para Lilian,

Ele está *sempre ocupado* com os assuntos de trabalho, com isso, a responsabilidade com os filhos e as demais funções, que poderiam ser divididas, caem todas sobre mim (...) que na maioria das vezes é sempre visto como exagero de minha parte (risadas). Como se as funções de casa não fossem tão exaustivas quanto as funções do trabalho fora de casa.

Lilian informou ainda que, uma vez por semana tem ajuda de uma diarista. “Se eu não tivesse essa ajuda, não sei como conseguiria, pois acho muito pesado só pra mim; as pessoas que moram aqui não me ajudam, às vezes *me revolto* aqui, brigo com todos. Ah! Acho que pelo *estresse*”.

Atena respondeu: “Eu vejo que *somos uma parceria*, e sei que logo ele me apoiará; assim que nosso filho estiver maior (...) poderei estudar, abrir algo – ela quis dizer um negócio, tipo loja de conveniência – (longo silêncio). Ele se dedica muito ao emprego para poder deixar eu ficar cuidando da casa”. Nesse caso, Atena disse que se sentia confortável estando em casa, porém, seria por pouco tempo, ela “quer mais da vida”.

Márcia:

O homem ele tem sempre oportunidade de crescer mais rápido que a mulher, ele não tem preocupação que a mãe, a mulher tem, o homem ele é mais voltado ao trabalho, ele não está tão preocupado com dentro de casa, ele tá preocupado em manter a comida, não o trabalho que a mulher faz, o homem é mais pro lado do trabalho e pras suas preocupações pessoais.

Julieta afirmou:

Ele trabalha fora de casa, e apesar da gente estar estabilizados financeiramente (breve silêncio), o fato de eu não ter um emprego, isso *me incomoda* bastante. Minha vida em relação a do meu esposo é uma vida muito cômoda, mas não nasci para viver no comodismo, e por isso quero viver da minha profissão, assim *me tornaria alguém mais completa*.

Julieta fez questão de enfatizar que tem ensino superior completo em direito; em todo o momento informou que irá trabalhar, que ser dona de casa não a impedirá de exercer seu sonho. Deixou claro que se sentia culpada por estar apenas dentro de casa, fazendo os trabalhos domésticos. Relatou ainda:

Eu vi minha vida transformada em assumir esse papel, por ter tido de largar meu emprego para acompanhar meu esposo, eu vim de família pobre, então sempre trabalhei (longo e emocionado silêncio) hoje estou dentro de casa e só eu sei o quanto é ruim, o quanto é difícil ser quem eu sou, nunca me imaginei sendo dona de casa. Inclusive, estou com problemas de saúde, estou com um quadro de *ansiedade* (longo silêncio) *pânico*.

Para Margarida,

Minha vida em relação a do esposo é muito diferente, pois ele é médico e eu dona de casa e administradora de todos os nossos bens, pois temos uma fazenda e meu esposo é sócio em um dos hospitais. Ele trabalha bastante, mas eu também trabalho bastante, pois não é fácil administrar tudo isso, inclusive cuidar dele que já tem muitos problemas de saúde, não me vejo [...] apenas a dona de casa.

Segundo Amélia:

Minha fia, minha vida é muito diferente da desse velho aí (seu marido), ele é pedreiro e eu uma dona de casa, somos pessoas completamente diferentes (longo silêncio),

acho que *o trabalho dele foi mais duro*, porque era de sol em sol, o meu não, apesar que ele não trabalha mais como pedreiro e eu trabalho muito, muito mesmo aqui nessa casa velha, acho que só vou parar quando eu for lá pra aquele lugar (pausa) o campo da saudade (risos).

Segundo elas, os homens estão sempre ocupados com suas atividades de trabalho, negligenciando o ambiente familiar. Observa-se que a vida doméstica, de fato, não é uma prioridade para os homens, uma vez que as mulheres já mantêm toda a estrutura do lar. Essa dinâmica resulta em uma falta de preocupação dos homens com as questões domésticas, exceto pela responsabilidade financeira.

Marcia disse que o homem tem sempre oportunidade de crescer, pois as oportunidades de crescimento são desiguais entre homens e mulheres. Para Federici (2019), o trabalho doméstico é uma forma de expropriação, onde o valor gerado pelo trabalho das mulheres é apropriado pelo sistema capitalista sem compensação adequada. O trabalho doméstico subsidia a força de trabalho masculina, garantindo que os homens possam desempenhar seus empregos de maneira eficiente, ter uma carreira de sucesso mais rapidamente, realizar seus sonhos.

Como disse Lilian, o que poderia ser dividido entre eles recai apenas para ela; e como apontou Duran (1983, p. 32), “Sobre a dona de casa recai uma acumulação de tarefas em um ritmo intensivo que constitui um verdadeiro sobretrabalho do qual a sociedade, que indiretamente o provoca e dele se beneficia, não quer fazer-se eco”.

Para Márcia, o homem se preocupa com as coisas relacionadas ao seu trabalho fora de casa. Assim, a desigualdade de gênero, reforçada pelo sistema capitalista, é reproduzida no âmbito das relações matrimoniais, sendo que alguns esposos se sentem isentos de participarem das atividades laborais do lar, por acharem muitas vezes que o trabalho que mais importa é o advindo de fora do lar.

Julieta expressa que, embora considere sua vida mais cômoda em comparação à de seu esposo, sente que não nasceu apenas para essa função. Ela se sente incompleta e confusa por estar confinada ao ambiente doméstico, sugerindo um conflito interno entre a comodidade aparente e a realização pessoal. Essa dualidade ressalta a insatisfação e a sensação de estagnação que muitas mulheres enfrentam ao serem confinadas às tarefas domésticas, sem oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional equivalente à de seus parceiros. Ela afirmou que está doente, com um quadro de ansiedade, devido a esse isolamento social.

Duran (1983, p. 50) aponta que as “doenças das mulheres não merecem a mesma atenção que, por exemplo, as do marido ou dos filhos, pois embora os trabalhadores da

economia exterior tenham conseguido o direito a descanso em caso de doença, esta não é ainda uma conquista das donas de casa”. Duran (1983, p. 63) diz ainda que “a dona de casa é uma trabalhadora da economia doméstica e simultaneamente membro de uma família e de uma coletividade. Seu isolamento resulta da conjunção de todas estas condições, e é ao mesmo tempo um isolamento físico, psicológico, social e político”.

A feminização do trabalho doméstico limita as oportunidades econômicas e profissionais da mulher, acarretando-lhe muitos prejuízos como o de exercer uma profissão, realizar um sonho, como foi relatado pela Margarida, que falou da renúncia de seus sonhos e da culpa de não ter feito outras escolhas.

Em relação a Amélia, observamos que ela tem a percepção de que o trabalho de seu marido é mais duro e mais difícil do que o dela. Como já foi dito alhures, essa visão pode refletir uma internalização de normas sociais que desvalorizam o trabalho doméstico em comparação ao trabalho remunerado fora de casa. A fala de Amélia revela uma possível falta de reconhecimento e valorização do trabalho doméstico, muitas vezes invisíveis e não remunerado, que demanda esforços físico, emocional e mental. Essa desvalorização pode ser um reflexo da sociedade como um todo, onde trabalho doméstico, tradicionalmente é desempenhado por mulheres e frequentemente é desvalorizado.

O trabalho doméstico é fundamental, mas frequentemente não recebe o apoio dos familiares, da sociedade, conforme evidenciado na pesquisa. É um trabalho que se inicia muito cedo e termina muito tarde; algumas dessas mulheres são as primeiras a acordarem e as últimas a dormirem, devido às suas responsabilidades de manutenção da casa. No entanto, esse esforço passa despercebido resultando na invisibilidade doméstica e social.

No capítulo a seguir, analisamos a percepção das entrevistadas sobre o seu próprio papel e o valor de seu trabalho. Buscamos entender como essas mulheres veem suas contribuições no âmbito doméstico e social, como elas comparam suas experiências com as das mulheres que trabalham fora de casa, o que elas dizem sobre como as pessoas veem seu trabalho, quais são seus desejos de mudança.

3 REPRESENTAÇÃO DE TRABALHO PARA AS MULHERES DONAS DE CASA

O terceiro e último capítulo é dedicado a entender as percepções e experiências das mulheres donas de casa em relação a uma série de questões: buscou-se explorar se essas mulheres avaliam seu trabalho como uma profissão; como concebem seu trabalho em relação ao trabalho das mulheres que atuam no mercado; como percebem a visão da sociedade sobre o seu trabalho; e quais são seus desejos de mudança.

O trabalho feminino refere-se à participação das mulheres na força de trabalho, incluindo todas as atividades remuneradas ou não remuneradas. A história do trabalho feminino tem evoluído ao longo do tempo, refletindo mudanças sociais, econômicas e culturais. Para Marx (2002), o trabalho é o elemento central na organização da sociedade capitalista e desempenha um papel crucial na formação das relações de classe e na exploração econômica. Para Bruschini (2006), a sociedade capitalista atribuiu às mulheres o trabalho doméstico e os cuidados familiares. Mas houve mudanças significativas nas últimas décadas, quando as mulheres passaram a participar ativamente do mercado de trabalho; elas ocupam hoje mais espaços antes apenas dos homens. Elas têm obtido maior grau de escolaridade, o que influencia positivamente em várias oportunidades de emprego. Contudo, ainda há persistência da desigualdade de gênero no mercado de trabalho e na esfera da reprodução como vimos no capítulo anterior. No âmbito do mercado, ainda ocorrem a disparidade salarial entre os sexos, falta de representação feminina em cargos de liderança e a discriminação, desafios estes a serem superados.

O trabalho feminino e a atuação no lar são a grande realidade na vida de muitas mulheres ao redor do mundo. Historicamente, as mulheres foram designadas para cuidar do lar e da família. Em 1917 e 1919, no Brasil, com o aumento da população urbana, muitas foram as oportunidades comerciais com abertura de vários comércios de pequeno e médio porte como “armazéns, açougues, adegas, quitandas, vendas, bares e botequins. A participação de mulheres nesse tipo de negócio foi, desde o início, determinante” (Matos; Boreli, 2012, p. 129), sobretudo no comércio de rua:

Comercializavam verduras, legumes, frutas, flores, ovos, batatas, cebolas, aves, peixes, leite, pão, entre outros produtos [...] nos domicílios, cozinheiras faziam doces, salgados e petiscos para serem comercializados pelas ruas em bandejas e cestas; algumas adquiriam clientela fixa e produziam regularmente quitutes [...] outra alternativa para as mulheres era o trabalho domiciliar, ou seja, atividades realizadas nas próprias residências para empresas, oficinas ou intermediário, no regime pagamento por peça.

Com a industrialização em ascensão em várias partes do mundo, mais mulheres começaram a trabalhar em fábricas e indústrias têxteis. Outra opção era o trabalho de empregada doméstica ou cuidadora de crianças e idosos em casas de famílias abastadas, já que essas eram e são ocupações predominantemente de mulheres.

Também no início do século XX, houve aumento gradual do acesso das mulheres à educação formal e à profissionalização em “áreas para as quais as mulheres eram consideradas mais aptas – como magistério, enfermagem, farmácia e odontologia” (Matos; Boreli, 2012, p.136). Assim, abriram-se novas oportunidades de emprego, ajudando a desafiar as noções tradicionais de que as mulheres deveriam se restringir apenas ao trabalho doméstico. Mas, como apontaram Melo, Considera e Sabatto (2007, p. 436), “embora se tenha tido acesso à educação, trabalho assalariado, participação social e política, as mulheres têm uma face voltada para o lar e a outra para a rua, num grande esforço de sobrevivência, num tempo de ruptura de um código milenar”.

Embora as mulheres tenham alcançado avanços significativos em várias esferas, como a educação, o trabalho assalariado e a participação social e política, elas ainda enfrentam o desafio de conciliar tais conquistas com as responsabilidades tradicionais do lar. A referência à “face voltada para o lar e a outra para a rua” ilustra a tensão constante entre a vida doméstica e a vida pública. Esse dilema representa um grande esforço de sobrevivência e adaptação durante o período de transição, em que antigos códigos sociais e culturais foram desafiados e reconfigurados.

Além disso, como já discutido anteriormente, como apontaram Barbosa, Costa e Franca (2023, p. 488):

Devido à realização das atividades de cuidado, muitas mulheres deixam de ter renda própria ou têm sua renda própria reduzida, pois não podem dedicar o tempo que desejariam ao mercado de trabalho. Esse rendimento do qual a mulher abre mão para poder cumprir com suas responsabilidades de cuidado é um custo de oportunidade relevante do trabalho reprodutivo. Visibilizar esse custo é relevante para trazer à tona as diversas questões relacionadas ao trabalho reprodutivo não remunerado e a necessidade de sua valorização pela sociedade.

A questão de “custo de oportunidade” do trabalho reprodutivo (citada anteriormente) é fundamental para entender as desigualdades de gênero. Já dito que o trabalho reprodutivo, que inclui atividades como cuidar dos filhos, dos idosos e das tarefas domésticas, é essencial para o bem-estar das famílias e da sociedade, mas não é valorizado e nem contabilizado economicamente. Será que essa visão foi introjetada por nossas entrevistadas?

Em outras palavras, será que elas têm essa representação do seu trabalho? É o que discutiremos a seguir.

3.1 Trabalho e profissão segundo elas próprias

A chamada “profissão do lar”, frequentemente invisibilizada e subvalorizada, como mostrado nesta pesquisa desde a Introdução, tem sido objeto de estudos que trazem à tona a importância do trabalho doméstico e a necessidade de reconhecê-lo como uma ocupação essencial para a sociedade.

Concordamos com Bruschini (1985) quando afirma que: no âmbito doméstico, “o trabalho remunerado e o não remunerado são duas dimensões do trabalho social que estão intimamente ligadas”. É por esta razão que os países evidenciados a seguir mantêm uma luta histórica, desde o final do século XX, pela remuneração do trabalho das donas de casa (Faria, 2020, p. 5):

Itália, Inglaterra, França e Estados Unidos se reuniram em Pádua, na Itália onde lançaram uma campanha por salários para o trabalho doméstico. A campanha era organizada pelo International Feminist Collective. O objetivo era organizar uma mobilização feminista internacional reivindicando que o Estado reconhecesse o trabalho doméstico como trabalho.

Como se verifica, reconhecer o trabalho doméstico como trabalho é um campo de luta e resistência. A valorização do trabalho doméstico não é apenas uma questão de justiça social, mas também um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais equitativa. Reconhecer e valorizar o trabalho doméstico é um passo importante para garantir a dignidade e os direitos das pessoas que o realizam.

Dessa forma a questão abaixo busca entender se as mulheres que realizam o trabalho doméstico veem essa atividade como uma profissão e como isso impacta em suas vidas.

Questão: Você entende seu trabalho como uma profissão?

Essa foi uma das perguntas quando já se tinha discutido muito sobre trabalho. Lilian afirmou: “trabalho doméstico nunca será uma profissão para a dona de casa. Pelo contrário, trabalha exaustivamente sem nenhum retorno”. E Atena, “Não vejo como profissão, acho que

pelo menos é uma rotina massacrante e não sendo remunerada, não consigo ver como uma”. Marcia também não vê o trabalho doméstico como uma profissão: “não, não é uma profissão (risos)... é um trabalho que demanda a dona de casa, a mãe, a esposa (longa pausa), é isso”. E Amélia diz que: “bem, acho que ser dona de casa não é profissão, é mais escravidão (risos), é falta de oportunidade, não sei bem se é isso”.

Apenas Julieta enxerga o trabalho doméstico como profissão:

Ser dona de casa também é uma profissão, sim, com certeza, só que assim, (longo silêncio), o problema que essa profissão, se for analisar, mas que apenas não é remunerada, não tem horário de descanso exato, a gente tem sempre que estar em alerta, tem sempre que estar fazendo algo, então eu vejo como uma profissão sim. Só que tem que ter um pouquinho mais de atenção, um pouquinho mais de cuidado, um pouquinho mais de carinho pra essas pessoas que só vivem dentro de casa (no caso, as donas de casa). Mas eu vejo sim como uma profissão.

Por outro lado, Margarida além de não reconhecer como profissão, ainda acrescentou mais aspectos, fazendo menção à forma como a sociedade trata as donas de casa de classe alta quando estas ficam viúvas, evidenciando assim discriminação de gênero, algo que permeia todas as classes sociais.

Não, não vejo como profissão ser dona de casa, não temos direitos reconhecidos, nem vejo pessoas falando sobre nós, não há destaque (longo silêncio), na verdade, menina, serei franca. Ser dona de casa não traz prestígio algum, eu por exemplo, só possuo esse status, esse respeito, porque sou casada com médico, empresário, fazendeiro e tenho que lhe dizer, já venho de uma família rica e tradicional da Bahia, que se mudou para essa cidade há muitos anos. Mas, por exemplo, têm dois meses mais ou menos, que a esposa de um fazendeiro rico ficou viúva. Ou seja, vi que as pessoas passaram a tratar ela diferente, é como se ela não fizesse mais parte do nosso meio. Eu a trato como sempre tratei, mas vejo o quanto as pessoas são cruéis. Então, dona de casa não é profissão (risos).

Como vimos, Lilian destaca a falta de reconhecimento do trabalho doméstico. Ela não o compreende como uma profissão, enfatizando o esforço exaustivo e a ausência de retorno financeiro. Atena também não considera o trabalho doméstico como uma profissão devido à falta de remuneração e ao caráter massacrante da rotina. Márcia percebe o trabalho doméstico como parte dos papéis tradicionais de gênero (dona de casa, mãe, esposa), não como uma profissão. Sua visão reflete a naturalização do trabalho doméstico dentro do papel feminino.

Julieta, por outro lado, encara o trabalho doméstico como uma profissão, mas destaca a falta de remuneração, horários de descanso e reconhecimento. Ela aponta a necessidade de maior atenção e cuidado com as donas de casa, alinhando-se com a crítica de

Federici (2021) sobre a necessidade de valorizar e reconhecer o trabalho doméstico. Julieta acrescenta:

No Brasil a dona de casa tem direito à aposentadoria, claro que dentro de alguns requisitos prévios, como: ter ao menos 15 anos de contribuição junto ao INSS de forma facultativa pela alíquota de 5% do salário-mínimo, idade mínima de 62 anos. Para dar entrada a esse benefício, ser inscrita no CadÚnico² e que se dediquem apenas ao lar. Muitas donas de casa não sabem essa informação.

Margarida não considera o trabalho doméstico como profissão devido à falta de reconhecimento de direitos e prestígio. Ela observa como o *status* social das donas de casa pode ser condicionado pelo *status* do marido, destacando a discriminação de gênero que persiste em todas as classes. Amélia compara o trabalho doméstico à escravidão, sugerindo falta de oportunidades e uma situação de exploração. Sua visão reflete a crítica de Federici (2019) sobre como o trabalho doméstico é uma forma de exploração, perpetuada por estruturas sociais e econômicas que negam às mulheres a possibilidade de independência e reconhecimento.

Segundo Federici (2019, p. 42), “o trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado”. Duran (1983, p.17) assegura que “um dos instrumentos mais utilizados para eludir valor e para ignorar a condição econômica das tarefas domésticas é negar o seu valor”.

Para Marx (2002), os trabalhadores são alienados de várias maneiras. Eles estão alienados do produto do seu trabalho, pois não têm controle sobre o que produzem e muitas vezes não se identificam com o que fazem. Também estão alienados do processo de trabalho, uma vez que são submetidos a condições cansativas e repetitivas. Aplicando as ideias de Marx ao trabalho reprodutivo, pode-se dizer que descrevem bem a percepção destas mulheres que reclamam das condições cansativas e repetitivas do trabalho doméstico.

Por outro lado, entender o trabalho da dona de casa como uma profissão envolve diversas perspectivas. Primeiramente, é fundamental reconhecer que o trabalho doméstico exige habilidades, dedicação e tempo, similares a qualquer outra profissão. Segundo, deve-se compreender que este trabalho é essencial para o funcionamento adequado de um lar e da própria sociedade.

² CADÚnico – Cadastro único, é um cadastro contendo um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza ou extrema pobreza, inscrito através dos documentos pessoais. O NIS (Número de Identificação Social) é pré-requisito para mais de 30 programas e serviços disponibilizados pelo Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-dados-do-cadastro-unico-cadunico>.

Como já mencionado, todas as mulheres entrevistadas, a exemplo do que ocorre com as mulheres donas de casa no Brasil, desempenham suas tarefas sem nenhuma remuneração, o que as leva à autopercepção da desvalorização de sua função. Mas, como afirma a literatura especializada, essa desvalorização não pode diminuir a importância e o reconhecimento que tais atividades merecem ter. O reconhecimento do trabalho doméstico das donas de casa, em relação a outro trabalho qualquer, conferindo remuneração para as mulheres poderia trazer benefícios significativos.

A segunda questão, apresentada a seguir, teve como objetivo explorar as percepções das mulheres donas de casa sobre suas vidas em comparação com as mulheres que trabalham fora de casa.

Questão: Como você avalia seu trabalho em relação às mulheres que trabalham fora?

Para Lilian,

Ah! Eu avalio assim, como algo bom não ter saído para ir trabalhar, de certa maneira. Pois pude acompanhar a educação dos meus filhos. Participar do desenvolvimento e descobertas enquanto eles crescem. Porém a gente deixa a realização profissional pra trás. Alguns sonhos a gente deixa de viver, acho que é isso!

Segundo Atena,

Me sinto dividida, às vezes me sinto honrada de poder cuidar da minha família e da minha casa, mas também frustrada de não ter buscado algo antes da maternidade para agora estar mais tranquila e realizada. Já me culpei muito por isso, mas agora estou tentando deixar mais leve meus dias e momentos.

Marcia afirma:

Hum... (longo silêncio), acho que bem cansativo, corrido, mas eu creio que a mulher, ela precisa trabalhar fora e trabalhar dentro de casa. Porque quando você trabalha fora, você se sente útil, não tô dizendo que dentro de casa a gente é inútil, mas é um trabalho cansativo, é um trabalho repetitivo e acaba (longa pausa) sendo exaustivo pra mulher dona de casa. Quando ela trabalha fora ela tem autonomia, ela tem mais força e garra pra chegar dentro de casa com energia (risos). Eu acho, né?!

Para Julieta,

Com relação às mulheres que trabalham fora de casa, na verdade, as mulheres que trabalham fora de casa, elas me inspiram. Para que eu nunca desista (pausa)... na verdade, elas sempre me inspiraram para que eu nunca desistisse dos meus sonhos: de

que é trabalhar com o que eu sempre sonhei. Apesar de eu ter sido, ter me casado e passado a ter cuidado do lar, do marido, minha filha, eu nunca desisti de fazer uma faculdade. Hoje, né, acabei de me formar em direito e estou iniciando minha carreira na área da advocacia. Graças a essas mulheres que foram trabalhar fora de casa e mostrando o que a gente pode fazer, que é ter uma profissão fora de casa e também cuidar do nosso lar. Que isso não nos impede de cuidar de casa e também trabalhar fora. Então, elas sempre me inspiraram.

Margarida afirma: “hum, acho que um pouco menos cansativo, pois trabalhar fora demanda muito. Apesar de estar dentro de casa também demanda muito. Eita, nem sei bem ao certo o que dizer, mas acho que é isso (risos)”. Por fim, Amélia relatou: “acho genial, é de muita liberdade quem trabalha fora. São outros horizontes, outras possibilidades”.

No relato de Lilian, fica claro que ela valoriza a oportunidade de acompanhar o crescimento dos filhos, destacando um aspecto positivo de estar em casa. No entanto, ela também reconhece a perda da realização profissional e a renúncia aos seus sonhos pessoais. Atena também expressa sentimentos mistos. Ela se sente honrada em cuidar da família, mas também frustrada por não ter buscado uma realização profissional antes da maternidade. Apesar de ser uma questão de construção cultural e de ordem capitalista, é notável que ela menciona se sentir culpada. Mas é notável também sua resistência: o esforço atual para tornar seus dias mais leves, indicando uma luta interna para encontrar paz frente a sua trajetória.

Márcia descreve o trabalho doméstico como cansativo e repetitivo, ressaltando a necessidade de trabalhar fora para sentir-se útil e obter autonomia. Ela acredita que o trabalho fora de casa traz energia e força. Sua fala destaca o desgaste físico e emocional do trabalho doméstico e a busca por um sentido de utilidade. Já Margarida percebe o trabalho doméstico como menos cansativo em comparação ao trabalho fora de casa, mas reconhece que ambos demandam muito esforço.

Amélia admira a liberdade e a possibilidade que o trabalho fora de casa proporciona. Ela valoriza a expansão de horizontes e as oportunidades que vêm com a vida profissional, sugerindo uma visão positiva e de expectativas. Julieta examina as mulheres que trabalham fora de casa como inspiração para nunca desistir de seus sonhos. Mesmo cuidando da família, ela conseguiu realizar seu desejo de estudar e iniciar uma carreira no Direito. Sua fala evidencia determinação, mostrando que é difícil, mas não impossível, conciliar trabalho doméstico com estudo acadêmico.

Em síntese, podemos recorrer ao pensamento de Saffioti (1978) sobre a importância das trabalhadoras consideradas improdutivas, como o caso das donas de casa. Na esteira da autora, rever as percepções tradicionais de produtividade e salientar a necessidade de uma

compreensão mais abrangente do papel de todas as trabalhadoras na sustentação do capitalismo. Por isso, o trabalho feminino remunerado e o não remunerado têm seu devido valor e importância; ambos desempenham um papel primordial para o funcionamento de toda a sociedade. Como ressalta Saffioti (1978), independentemente de como o trabalho das mulheres é categorizado, ele é central para a economia capitalista.

Questão: Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Para Lilian: “Ser dona de casa é algo que não tem valor nenhum para a sociedade. Então, acho que as pessoas em geral não dão valor”. Na mesma linha, Atena relata:

Grande parte ainda tem muito preconceito, sinto que muitos me olham como eu sendo preguiçosa, por não correr atrás de estudar ou até de abrir algo. Sempre cobrada, mas só isso que você quer para você? Ninguém vê que eu trabalho por uma faxineira, cozinheira e babá e isso tudo tem um custo muito alto. Que amaria trocar por uma profissão, mas que também pagasse por isso tudo.

Conforme Márcia,

Tem muitas pessoas que desvalorizam sabe?! A dona de casa, acha que a gente tá dentro de casa que a gente não faz nada, pelo contrário, a gente trabalha muito mais de quem trabalha fora. Nosso trabalho ele não para, se tu tá dentro de casa, tu tá fazendo isso, tu tá fazendo aquilo, faz almoço, aí arruma menino pra ir pra escola, limpa casa, faz janta, então é um trabalho que não tem descanso.

Julieta sustenta que:

Embora nossa sociedade atual ela tenha melhorado as questões de significado e ressignificado, dá mais importância em relação à mulher que trabalha dentro de casa com a questão de ter um olhar especial para essas mulheres; a gente tem tido muito avanço, muito debate nesse tema, ainda assim, vejo que a maioria das pessoas veem o trabalho da dona de casa como uma obrigação nossa. Uma obrigação nossa mesmo. Que a responsabilidade é você se casar e cuidar do lar. E que as mulheres que saem das suas casas para trabalhar, é ainda, são vistas com preconceito. Então, eu acredito que a sociedade, a maioria das pessoas, veem o nosso trabalho de dona de casa como uma obrigação e ponto.

“Eu acho que eles imaginam que a gente não faz nada da vida. É bem isso!”, ressalta Margarida. Por fim, Amélia salienta: “eu não sei, mas acho que ninguém dá valor pra isso não. É algo sem importância, pelo menos eu acho, né?! Mas é muito cômodo termos alguém pra fazer as coisas pela gente e não pagar, não dizer obrigado”.

Os depoimentos das mulheres entrevistadas evidenciam uma percepção comum de subvalorização e falta de reconhecimento do trabalho doméstico pela sociedade: todas

compartilham uma visão de desvalorização. Lilian expressou uma visão clara de que o trabalho doméstico é subvalorizado, trouxe um sentimento de frustração e desânimo pela falta de reconhecimento. Atena percebe que existe preconceito e julgamento negativo em relação ao trabalho doméstico; assim como Lilian, sente frustração nesse papel.

Em seu relato, Margarida menciona a invisibilidade do trabalho doméstico. Essa percepção de “não fazer nada” provavelmente indica a desvalorização familiar e social do trabalho dessas mulheres. Também Julieta reflete o trabalho da dona de casa como não planejado. A apropriação desse papel, apesar de não ser um desejo inicial, mostra como as mulheres muitas vezes são induzidas a traçar esse caminho, que passa a constituir parte de suas identidades. Como enfatiza Duran (1983, p. 23), “seu trabalho está tão próximo das pessoas que corre o risco de não ser reconhecido nem sequer como o que é, como trabalho que produz para si mesma e para outros”. De fato, a invisibilidade do trabalho doméstico e sua desvalorização indicam que a sociedade não reconhece o valor intrínseco do trabalho doméstico (Saffioti, 1987).

Márcia e Amélia também destacam a desvalorização e a ideia errônea de que o trabalho doméstico é fácil e sem a importância do trabalho exercido fora de casa. Os relatos de ambas evidenciam a intensa carga de trabalho e a falta de descanso, reforçando a ideia de Federici (2021, p. 62) de que o trabalho doméstico é uma forma de exploração, que “tem sido especialmente eficaz porque a ausência de salário a escondeu... no que se refere às mulheres, seu trabalho parece ser um serviço pessoal externo ao capital”.

Em síntese, os depoimentos revelam uma gama de percepções e sentimentos que mostram a desvalorização, a invisibilidade e a exploração da mulher que atua no âmbito da casa. Esses relatos confirmam a necessidade de um reconhecimento mais amplo e justo do trabalho doméstico na sociedade.

Mas, como apontou Saffioti (1978, p. 44), “o capitalismo não ameniza a vida das mulheres no que tange à realização do trabalho doméstico. São sempre mulheres que se encarregam destas tarefas, quer se trate de país capitalista desenvolvido, quer de subdesenvolvido”. Mesmo com o desenvolvimento econômico, essa responsabilidade continua a recair sobre as mulheres. Em países com altos níveis de desenvolvimento econômico, onde pode haver maior acesso a tecnologias que facilitam o trabalho doméstico e políticas voltadas à igualdade de gênero, as mulheres ainda carregam a maior parte das responsabilidades domésticas. Nos países menos desenvolvidos, a situação é ainda mais grave devido à falta de infraestrutura e de serviços públicos, aumentando a carga de trabalho doméstico para as mulheres.

O trabalho doméstico, como discutido anteriormente, desempenha um papel crucial para o bem-estar de toda a sociedade. Ele cria uma base estável para que outras formas de trabalho, remuneradas e reconhecidas pelo mercado, sejam desempenhadas eficientemente. No entanto, essa divisão de trabalho, muitas vezes baseada em gênero, traz consigo grande parte das desigualdades, pois o trabalho doméstico não é recompensado financeiramente, tão pouco socialmente. Duran (1983, p. 41) esclarece que:

O trabalho da dona de casa tem duas dimensões: a primeira é a dimensão de trabalho individualizado, feito por uma mulher em seu lar para os membros de sua família. A segunda é a dimensão de seu trabalho coletivo, socialmente necessário para que toda sociedade possa trabalhar e viver. O trabalho da dona de casa não se produz diretamente para o mercado, mas é uma condição imprescindível para que o mercado exista, tanto o mercado de bens e serviços como o de mão de obra.

Como já dissemos alhures, o trabalho da dona de casa é uma atividade realizada por uma mulher em seu próprio lar, destinada a beneficiar diretamente os membros que lá habitam. É essencial para a manutenção da vida cotidiana e permite que outras atividades econômicas ocorram. Sem o trabalho doméstico realizado por elas seria difícil para a sociedade funcionar adequadamente.

Finalmente, podemos dizer que a percepção que nossas entrevistadas têm a respeito do que a sociedade pensa a respeito do trabalho doméstico não remunerado, um trabalho irrelevante, é condizente com a sua representação criada pelo próprio capitalismo como sugere Silvia Federici (2019, p. 64):

O nosso problema, ao que parece, é que o capital falhou em alcançar nossa cozinha e nosso quarto, com a dupla consequência de que nós presumivelmente permanecemos em um estágio feudal e pré-capitalista, e tudo que fazemos na cozinha e no quarto é irrelevante para as mudanças sociais (Federici, 2019, p. 64).

A autora nos provoca a pensar sobre a falha do capitalismo que implica na invisibilidade e, ao mesmo tempo, na necessidade de reconhecer o valor do trabalho doméstico que também representa uma ferramenta para a transformação social.

3.2 Seus lamentos, contradições e desejos

Neste tópico, as duas questões finais buscam explorar as perspectivas das mulheres, isto é, seus desejos de mudança, oferecendo um espaço de escuta de seus sonhos e desencantos.

Questão: O que você gostaria que fosse diferente?

Lilian afirma:

Eita! Na verdade, eu nem sei bem. Às vezes imagino tanta coisa, mas a princípio eu gostaria que todos os membros da minha família tivessem consciência de colaborar com as atividades domésticas. Se cada um tirasse um tempinho do seu dia pra fazer alguma atividade doméstica, sobraria mais tempo pra eu me dedicar ao meu trabalho no ateliê.

Márcia se expressa assim: “eu acho que (pausa) não tinha como ser diferente, a vida da dona de casa, da mulher, é essa, né?! Não tem como ser diferente”. E, como Lilian, Márcia acredita que “precisaria de uma ajuda maior do parceiro, do esposo. Mas a gente sabe que o homem só muda de casa”. Por sua vez, Margarida também revela sua visão de naturalização da função historicamente atribuída às mulheres: “deixa eu pensar ... (longo silêncio) bem, acho que não queria que nada fosse diferente, gosto dessa vida, do jeito que ela é”.

E Atena lamenta dizendo: “eu acho que deveria ter me dedicado [a outra função] quando eu era mais jovem, mas logo iriei me dedicar, pois agora já estaria com uma vida mais tranquila”. Apesar dessa perspectiva, ela não esconde sua frustração: “sempre que me sinto mal, acabo descontando em quem menos merece, meu esposo e filho”. Também lamentando, Julieta relata:

Acredito, assim, é... (pausa)... ao me casar, eu demorei bastante para focar numa carreira e decidir realmente; embora eu tivesse um sonho de fazer Direito, tive muitas complicações em relação a isso, porque tentei fazer outros cursos e não deu certo. Então, o que eu acho para mim, que deveria ser diferente, era eu casar, mesmo tendo que cuidar do meu lar, da minha casa, do meu esposo, eu deveria ter enfrentado esse desafio e focar no que eu queria realmente. E eu vi que eu perdi muito tempo com isso. Se eu pudesse voltar atrás, e que fosse diferente, eu acho assim, que se eu voltasse atrás, eu queria que eu, realmente, focasse na área que eu queria. Persistindo no meu sonho, que era ser advogada. Então, eu perdi muito tempo com isso, nessa indecisão. E não é nem indecisão, acho que eu também fiquei com medo em relação a isso tudo.

Finalmente, Amélia questiona a mudança de trajetória que lhe foi imposta:

Eu gostaria que tudo fosse diferente. Creio que se meu pai fosse vivo, talvez as coisas fossem diferentes. Quem sabe essa vida que levo hoje teria sido completamente outra. Meu pai era um homem rico, teve muito dinheiro, ele mexia com usina de arroz, só gostava do que era bom, tinha muitos imóveis, só deu a mim e aos meus irmãos coisas boas, roupas boas, até joias o meu pai me dava. Quem vê assim pensa que não sei o que é bom. Mas minha juventude toda foi muito boa. Mas meu pai morreu muito jovem e minha mãe, uma louca, não soube administrar nada, todo nosso patrimônio foi embora.

Como Márcia, Lilian reflete um desejo de redistribuição das tarefas domésticas e de valorização do trabalho doméstico para a libertação das mulheres. Lilian expressa também o desejo de ter mais tempo para desenvolver seu trabalho criativo, o que indica a necessidade

de autonomia e reconhecimento de suas habilidades além do trabalho doméstico. Esses depoimentos vão de encontro com o pensamento de Federici (2019, p. 125): “no momento, nossa história é a de milhares de mulheres agonizando sobre o livro, a pintura ou a música que nunca podem terminar, ou sequer podem começar, porque não têm tempo nem dinheiro”. Já a resignação de Márcia e, de certa forma, a de Margarida, como já mencionado, reflete a naturalização da ocupação doméstica historicamente atribuída às mulheres. No entanto, como afirma Duran (1983, p. 15),

A ocupação da dona de casa não é natural, mas histórica. No atual estágio da técnica só a maternidade é função naturalmente feminina, mas entre a gestação e o parto e as duzentas mil horas de trabalho doméstico que executa uma dona de casa ao longo de sua vida, não há nenhuma correspondência necessária, mas circunstancial.

O desejo de Julieta era ter focado em uma carreira. Desse modo, ela reflete sobre as oportunidades perdidas para perseguir seus sonhos profissionais devido às responsabilidades domésticas, algo que Duran (1983) identifica como barreira significativa para as mulheres. Na mesma linha de Julieta, Amélia faz uma espécie de autoavaliação, expressando o desejo por uma vida completamente diferente se o seu passado tivesse sido outro. Sendo assim, demonstra uma insatisfação profunda com sua situação atual e lamenta a trajetória que as circunstâncias da vida lhe impuseram.

Frente a esses relatos, pode-se concordar com Federici (2019, p. 110): para além das questões familiares, “está claro que nenhuma mudança positiva pode ocorrer na vida das mulheres se não houver uma profunda transformação nas políticas sociais e econômicas e nas propriedades sociais”.

Questão: Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Ao responder essa questão, Lilian reafirma seu pensamento:

Ah! Só que o trabalho doméstico é muito exaustivo. Se todos ajudassem, teria mais igualdade, para que eu pudesse me dedicar também em uma função profissional que me realizasse (silêncio). Eu até consigo fazer isso, adiantar muitas coisas no dia a dia, mas tenho que correr contra o tempo todos os dias.

Em uma perspectiva mais esperançosa, Márcia diz:

É um trabalho, eu creio que um trabalho que lá na frente vai ser reconhecido pelos nossos filhos, né?! Porque você tá tendo tempo de dar, é, crescendo, ensinando, ajudando a crescer e, eu creio que lá na frente você vai ter frutos, porque o que você planta, você colhe (risos).

Julietta retoma a questão do apoio recebido para realizar seu sonho.

Eu acredito que, é ... (suspiro e pausa longa) ... não acrescentaria nada. No momento, hoje, eu não acrescentaria nada. Porque hoje eu já me vejo completa. Que mesmo eu cuidando da casa, do meu lar, da filha, do esposo, eu meti a cara, mesmo que tarde, quis estudar, quis me formar, é... com apoio né, do meu marido, sei que muitas mulheres donas de casa não tem essa opção, é..., não teve essa oportunidade de ter um apoio que seja de marido, que seja dos pais, que sempre lhe ajudam quando têm filhos, e eu tive esse apoio. Graças a Deus, então, não queria acrescentar, né. Encarei o desafio e estou aqui sendo dona de casa, mas perto de realizar meu sonho que é trabalhar fora de casa novamente.

Margarida indica que esta pesquisa lhe possibilitou perceber outros horizontes.

Gostaria, gostaria sim. Que trabalho é trabalho, e que todos devem ter respeito uns com os outros, Eu sei que uns trabalham mais e outros menos, mas Deus abençoa a todos, tenho certeza disso. Entendo também, pelo que você me trouxe, que cada dona de casa é única e exerce funções diferentes umas das outras. É isso, respeito com todas. Obrigada!

E Atena demonstra sintonia com o pensamento de Margarida: “fiquei muito emocionada em fazer parte dessa pesquisa e honrada, por fim, alguém olhou por nós. Sonho seria se fosse uma profissão regulamentada e remunerada. Somente assim ficaríamos realizadas. Acho que só isso que tenho a dizer (risos)”. Por fim, Amélia compartilha uma visão mais tradicional, afirmando que o trabalho doméstico, “faz parte da nossa vida”.

Esses relatos evidenciam uma realidade comum entre elas: a exaustão e a falta de reconhecimento pelo trabalho doméstico como Lilian que enfatiza a exaustão que sente com as responsabilidades do trabalho doméstico e a necessidade de colaboração dos membros da família para que haja mais igualdade e para que ela possa se dedicar a uma profissão que no fundo a realize.

Atena expressa gratidão por ser ouvida e destaca o desejo de que o trabalho doméstico fosse regulamentado e remunerado. Márcia também agradece e acredita que o trabalho doméstico seja reconhecido pelos filhos. Sua perspectiva destaca o valor de seu trabalho na formação dos filhos, embora ela não o veja como uma profissão. Sua narrativa evidencia a importância desse trabalho na formação e no bem-estar de sua família.

Julietta se sente realizada e destaca a importância do apoio que recebeu para conseguir estudar e se formar, mesmo sendo dona de casa. Ela reconhece que muitas mulheres não têm as mesmas oportunidades de educação e desenvolvimento profissional, muitas vezes limitadas pela exigência do trabalho doméstico.

Margarida sublinha a importância do respeito pelo trabalho de todos e reconhece a diversidade de funções entre as donas de casa. Seu depoimento sugere um entendimento mais amplo do valor do trabalho doméstico, independentemente de sua remuneração ou formalidade.

Amélia sublinha o trabalho doméstico como uma parte integral da vida, sugerindo uma aceitação do papel tradicional. Sua visão pode ser interpretada como uma internalização das normas sociais que naturalizam o trabalho doméstico como uma responsabilidade feminina.

Todas as questões tratadas deste capítulo apontam a exaustão e a falta de reconhecimento no trabalho doméstico exercido por cada uma das donas de casa. A falta de reconhecimento e remuneração perpetua desigualdade, limitando as oportunidades das mulheres de buscarem realizações profissionais e independência econômica. Além disso, a naturalização das responsabilidades domésticas como parte do papel feminino reforça estereótipos de gênero e mantém muitas mulheres em uma posição de subordinação.

Mas, como apontou Federici (2019, p. 69), “conseguir um segundo emprego nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuírem ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos”. Para que as mulheres possam realmente se libertar é fundamental uma reestruturação que distribua igualmente as responsabilidades domésticas e que permita uma verdadeira participação no mercado de trabalho sem penalização de uma dupla jornada. Essa crítica aponta para a importância de políticas e práticas que promovam as discussões sobre trabalho doméstico em nossa sociedade.

Foi visto também que o trabalho feminino no lar é um pilar fundamental para a sociedade, no entanto, permanece invisível e desvalorizado. Como apontou Federici (2019, p. 67), “não enxergar o trabalho das mulheres do lar é estar cego ao trabalho e à luta da esmagadora maioria da população mundial que não é assalariada”.

Portanto, não reconhecer o trabalho doméstico, é fechar os olhos para a luta das mulheres por reconhecimento, valorização e direitos. Essa luta é parte de uma batalha mais ampla pela justiça social e pela igualdade de gênero.

Nesse sentido, é importante ouvir as vozes das donas de casa desta pesquisa, pois estas refletem uma realidade de exaustão, falta de reconhecimento e oportunidades limitadas. E nos fazem vislumbrar que é somente através de políticas inclusivas, redistribuição das tarefas e mudanças culturais que poderemos criar uma sociedade mais justa, onde o trabalho doméstico seja verdadeiramente respeitado, valorizado e remunerado pelo Estado brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa investigou como o trabalho doméstico exercido por mulheres donas de casa as coloca em uma posição de invisibilidade social e familiar, especialmente em uma sociedade patriarcal. A problemática explorada no início da pesquisa: o que significa para as donas de casa dedicarem-se exclusivamente às tarefas domésticas e lidar com a sobrecarga de afazeres diários? Como percebem esse trabalho e a si mesmas dentro dele?

O estudo teve como objetivo compreender as dimensões do trabalho não remunerado, como as donas de casa o veem. Especificamente, buscou-se analisar o papel de cada uma delas na sociedade, bem como discutir a importância do trabalho doméstico para a economia capitalista e a estrutura social.

A pesquisa revelou que o trabalho doméstico é frequentemente percebido como: (1) Sobrecarregado e infinito, devido à sua natureza cíclica, o que gera exaustão e uma sensação de improdutividade; (2) Invisível e não reconhecido, pois apesar de essencial, não recebe a devida valorização por não gerar remuneração direta; (3) Sem prestígio social, sendo raramente associado a status ou reconhecimento público, ao contrário do trabalho fora de casa, que é vinculado à independência e realização pessoal.

As análises apresentadas, corroboraram a hipótese inicial de que a estrutura patriarcal e as relações de poder vigentes relegam às mulheres donas de casa a um espaço de invisibilidade, tanto na esfera familiar quanto na sociedade. Apesar das múltiplas habilidades, conhecimentos e dedicação que este trabalho exige é frequentemente naturalizado como uma obrigação feminina, perpetuando uma divisão sexual do trabalho e reforçando assim as desigualdades de gênero.

Com base nesses relatos, a pesquisa respondeu as questões iniciais, pois constatou-se que as mulheres donas de casa se sentem sobrecarregadas com as tarefas domésticas; afirmaram que trabalho não é valorizado socialmente, tampouco pela família; todas manifestaram o desejo de que tudo fosse diferente, mas que há barreiras impedindo, como falta de apoio e tempo.

Os resultados confirmam que o trabalho doméstico se configura como um campo de tensão para as mulheres. Embora essencial para a vida familiar e social, sua desvalorização e a sobrecarga de responsabilidades impactam diretamente seu bem-estar. A estrutura patriarcal reforça essa invisibilidade, naturalizando o trabalho doméstico como uma obrigação feminina e perpetuando a desigualdade de gênero.

Diante disso, a pesquisa destaca a necessidade de políticas públicas e iniciativas que promovam a redistribuição das tarefas domésticas, a inclusão desse trabalho nas contas nacionais e o reconhecimento de seu valor econômico. O estudo também contribui para ampliar as discussões sobre o papel do trabalho reprodutivo na sustentação da sociedade capitalista e as implicações de sua invisibilidade. Ao reconhecer o espaço privado como um espaço político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C; SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARBOSA; A. L. N. M. FRANCA, M. P. COSTA, J. S. M. O valor das oportunidades perdidas pela realização do trabalho de cuidado não remunerado no Brasil. In: CAMARANO, A. A. PINHEIRO, L. **Cuidar, verbo transitivo: caminhos para a provisão de cuidado no Brasil**. IPEA, Rio de Janeiro, 2023.

BARDWICK, J. **Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da autorrealização alteraram nossas vidas**. Tradução de W. Roselli. São Paulo: Difel, 1981.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRUSCHINI, C. Desigualdades de gênero no mercado de trabalho brasileiro: O trabalho da mulher no Brasil e nas regiões nordeste e sudeste na década de oitenta. In: LIGOCKI, M.; LIBARDONI, M. **Discriminação Positiva – Ações afirmativas: em busca da igualdade**. São Paulo: CFEMEA, 1996. p. 87-107.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? **Revista Brasileira de Estudos Populares**, v. 23, n. 2, p. 331-353, 2006.

BRUSCHINI, C. **Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher**. São Paulo: Nobel, 1985.

CAMARANO, A. A; PINHEIRO, L. (org.). **Cuidar, verbo transitivo: caminhos para a provisão de cuidados no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, 2023.

DALY, M; LEWIS, J. The concept of social care and the analysis of contemporary welfare states. **British Journal of Sociology**, v. 51, n. 2, p. 281-298, 2000.

DURAN, M. A. **A dona-de-casa: crítica política da economia doméstica**. (Tradução de Y. Fernauto e W. Cappeler). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências, v. 5.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FARIA, N. O trabalho doméstico e a renda básica das mulheres de um Brasil em crise. **Brasil de Fato**, São Paulo, 8 de setembro de 2020. SOF Sempre Viva Organização Feminina. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/08/o-trabalho-domestico-e-a-renda-basica-das-mulheres-de-um-brasil-em-crise>. Acesso em: 23 de março de 2024.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo. Boitempo, 2021. v. 1.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman Editora, 2009.
- FRANKLIN, A. **Apontamentos para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 62-82.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 1.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MATOS, M. I e BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PISNKY, C. B. PEDRO, M. J. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2012.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre. Artmed, 2004.
- MELO, H. P. CASTILHO, M. **Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? Revista de Economia Contemporânea**, v. 13, p. 135-158, 2009.
- MELO, H. P. CONSIDERA, C. M. SABBATO, A. **Os afazeres domésticos contam Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.
- MELO, H. P; CONSIDERA, C. M; SABATTO, A. D. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.
- REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que é a Amazônia Legal? **Revista Época**. Mar. de 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/03/o-que-e-a-amazonia-legal>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.
- PEREIRA, B.C.J. FONTOURA, N. O. PINHEIRO, L. S. **Economia dos cuidados: Marco teórico – conceitual**. IPEA: Rio de Janeiro, 2016.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PRADO, D. **Ser esposa: a mais antiga profissão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ. **História de Imperatriz**. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/historia.html>. Acesso em: 02 de agosto de 2023.
- QUEIROZ, C. Economia do cuidado. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo. n. 299, p. 33-39, jan. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

SAFFIOTI, H. I. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, H. I. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAFFIOTI, H. I. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna. 1987.

SANTOS, L. S. **Profissão do lar**: a desvalorização do trabalho doméstico como desdobramento da (in) visibilidade do feminino. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

SARAIVA, A. **Selva**: madeireiros, garimpeiros e corruptos na Amazônia sem lei. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2023.

SCHWEBEL, D. F. Trabalho doméstico. In: HIRATA, H. LABORIE, F. DOARÉ, L. H. SENOTIER, D. (Orgs.). **Dicionário crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 256-262.

VIANA, H. (Org.). **Imperatriz cidade da gente**: história e geografia: estudos regionais: ensino fundamental I: anos iniciais. Fortaleza: Didáticos Editora, 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS
ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1) PERGUNTA DE ABERTURA

Fale da sua vida como mulher, esposa, mãe e dona de casa.

2) História de vida

Como era sua família de origem?

Como era sua vida antes do casamento?

O que você pensava em ser/fazer antes do casamento?

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

3) O trabalho doméstico

Qual o significado de dona de casa para você?

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

Você recebe ajuda nas atividades domésticas? De quem? Qual frequência?

Como você vê esse papel?

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

Você vê seu trabalho como uma profissão?

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

4) Questões de Gênero

Qual o significado de ser mulher?

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

Já pensou em trabalhar fora?

O que você gostaria que fosse diferente?

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONOMICO**Dados pessoais:****Idade:** _____ **Escolaridade:** _____**Cor:** _____ **Naturalidade:** _____**Religião:** _____ **Praticante:** () Sim () Não**Casou com que idade:** _____ **Quanto tempo de casada:** _____**DADOS DO ESPOSO:****Profissão:** _____ **Escolaridade:** _____**DADOS DO(S) FILHO (A):****Sexo:** _____ **Idade:** _____**Sexo:** _____ **Idade:** _____**RENDA FAMILIAR MENSAL:**

() Até R\$ 600,00 () de R\$ 600,00 a R\$1.212,00

() De R\$ 1.212,00 a R\$ 2.424 () de R\$ 2.424,00 a R\$ 4.848,00

() De R\$ 4.848,00 a R\$ 7.272,00 () de R\$ 7.772,00 a R\$ 10.908,00

() Acima de R\$ 10.908,00

Quem contribui com a renda familiar: _____

Quantas pessoas vivem dessa renda: _____

APENDICE C – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Lilian

História de vida

De onde é sua família de origem?

Nasci no Ceara, na cidade de Aquiraz. Morei bastante tempo em Fortaleza, que inclusive é onde os meus pais moram atualmente. Lugar gostoso de viver, sinto muitas saudades do meu lugar, mas amo a cidade que resido. Nas férias do meu esposo e dos meus filhos a gente sempre vai pra lá, tomar banho de mar, renovar as energias, principalmente as minhas, que trabalho e corro muito. (Risos)

Como era sua vida antes do casamento?

Antes de me casar eu morava com os meus pais e uma irmã. Vida pacata, né?! (risos), naquele tempo, falando assim parece que estou bem velha, né?! (risos). Eu gostava muito de ter minha profissão, minha própria renda. Casei aos 21 (vinte e um) anos.

O que você pensava em ser ou fazer antes do casamento?

(Longa pausa). Não sei bem o que eu pensava ser. Eu planejava abrir um negócio, pois naquela época eu só tinha finalizado o ensino médio e tinha feito um curso técnico de cabeleireiro. Daí eu montei um salão de beleza e comecei a trabalhar.

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

Sim. Trabalhei durante 11 (onze) anos em meu salão de beleza, até me mudar para a cidade de Imperatriz. Sabe?! Eu me casei quando terminei os estudos, ou seja, eu tinha uma atividade remunerada no começo do meu casamento. Tempos bons aqueles, nossa! Mas como tudo tem um começo meio e fim. Fechei meu salão e fui embora, na nova cidade eu não conhecia ninguém, até pensei em abrir um salão, mas sem a minha rede de apoio familiar ficou difícil, dessa maneira fiquei apenas com o cuidado doméstico e familiar

Participa de algum movimento social?

Não. Pior que nem para a igreja eu fui mais e fica tão pertinho aqui. Você viu né, a igreja?

O que a cidade de Imperatriz-MA significa para você?

Terra de oportunidades. A maioria das coisas que tenho e possuo é graças a essa cidade, então sou muito grata por ela.

O trabalho doméstico

Qual o significado de ser dona de casa para você?

(longa pausa) ... Gosto de fazer minhas próprias atividades sem precisar está pedindo ajuda, mas confesso que não é fácil. Um trabalho muito exaustivo, sem reconhecimento algum. Exaustivo, sem reconhecimento dos demais. Meus familiares nem se dão conta do quanto as vezes estou cansada, acho que eles pensam que a casa, a comida, as roupas tudo são feitos por mágica (risos).

(nesse momento a entrevista foi pausada, pois chegou a filha mais velha e ela foi ajudá-la em algo)

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

Bem, eu que faço todas as atividades domésticas, levo os filhos à escola, auxílio nas atividades escolares. Etc. E sabe?! Na pandemia, comprei uma máquina de costurar e desde então estou me arriscando produzindo várias coisas, como: bolsas, estojos, máscaras e várias outras coisas.

(Paramos a entrevista por um longo tempo, pois ela foi me mostrar os itens que ela produz, que inclusive são belíssimos)

Você obtém ajuda nas atividades domésticas? Quem lhe ajuda? Qual frequência?

Sim, tenho uma ajuda. Tem o auxílio de uma diarista a cada 15 (quinze) dias. (senão eu acho que já teria morrido, pois tudo sou eu. (risos) Não coloca essa parte lá na sua pesquisa, tá? (risos). Se eu não tivesse essa ajuda, não sei como conseguiria, pois acho muito pesado só pra mim, as pessoas que moram aqui não me ajudam, as vezes me revolto aqui, brigo com todos, (...) Ah! Acho que pelo estresse.

O que esse papel significa para você?

Exaustivo, sem o reconhecimento dos demais.

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

É bom cuidar de suas atividades, e ver tudo organizado, mas toma muito tempo do dia, tornando complicado conciliar trabalho doméstico e trabalho remunerado, tô chamando de remunerado a parte que faço minhas bolsas, minha arte e já estou começando a vender (risos). Quero muito que dê certo. Ahh sim... Outro fator de vantagem é que gostei do fato de acompanhar cada etapa na criação dos meus filhos

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

O fato de ser um trabalho onde ninguém enxerga todo o esforço dedicado. E o tempo dedicado a algo que não traz retorno, na verdade esse tempo nunca voltará.

Você entende seu trabalho como uma profissão?

Trabalho doméstico nunca será uma profissão para a dona de casa. Pelo contrário, trabalha exaustivamente sem nenhum retorno.

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Ser dona de casa é algo que não tem valor nenhum para a sociedade. Então, acho que as pessoas em geral não dão valor.

Gênero

Qual o significado de ser mulher?

Ser mulher pra mim é carregar o mundo nas costas. Temos que dar conta de tudo. Ser mãe, fazer as tarefas domésticas, dar atenção ao marido e tentar tirar um tempinho pra si mesma (que quase não sobra tempo). Assim a realização profissional vai ficando pra trás. Eu gostava muito de ter minha profissão, minha própria renda. Mas aí, como eu á falei pra você, né?!... Fechei

meu salão e fui embora, na nova cidade, essa aqui, eu não conhecia ninguém, até pensei em abrir um salão, mas sem a minha rede de apoio familiar não existia mais, dessa maneira fiquei apenas com o cuidado doméstico e familiar.

(Nesse momento, ela pediu uma pausa para respirar um pouco e tomar um café)

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Ah! Eu avalio assim, como algo bom não ter saído para ir trabalhar, de certa maneira. Pois, pude acompanhar a educação dos meus filhos. Participar do desenvolvimento e descobertas enquanto eles crescem. Porém, a gente, deixa a realização profissional pra trás. Alguns sonhos a gente deixa de viver, acho que é isso!

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

Ele está sempre ocupado com os assuntos de trabalho, com isso, a responsabilidade com os filhos e as demais funções, que poderiam ser divididas, caem todas sobre mim (...) que na maioria das vezes é sempre visto como exagero de minha parte (risadas). Como se as funções de casa não fossem tão exaustivas quanto as funções do trabalho fora de casa.

Já pensou em trabalhar fora?

Já. Mas prefiro um trabalho onde eu possa executar em casa, para que eu não fique longe dos meus filhos, principalmente o (nome do filho), que só tem 7 (sete) anos. Na verdade, eu já faço isso. Tenho um ateliê de costura criativa, onde produzo bolsas e acessórios (risos), lembra que já te mostrei as peças, né?! Mas não te mostrei o espaço, vem ver!

(tivemos outra pausa, pois ela quis me mostrar o espaço em que ela costura, que ela chama de ateliê. Inclusive muito organizado e bonito, com bastante material. Ela aproveitou para me mostrar o restante da residência)

O que você gostaria que fosse diferente?

Eita! Na verdade, eu nem sei bem. Às vezes imagino tanta coisa, mas a principio eu gostaria que todos os membros da minha família tivessem consciência de colaborar com as atividades domésticas. Se cada um tirasse um tempinho do seu dia pra fazer alguma atividade doméstica, sobraria mais tempo pra eu me dedicar ao meu trabalho no ateliê. (Longa pausa, ela se sentiu emotiva)

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Ahh! Só que o trabalho doméstico é muito exaustivo. Se todos ajudassem, teria mais igualdade, para que eu pudesse me dedicar também em uma função profissional que me realizasse. (silêncio). Eu até consigo fazer isso, adiantar muitas coisas no dia a dia, mas tenho que correr contra o tempo todos os dias.

ATENA

História de vida

De onde é sua família de origem?

Sou natural do Paraná. Minha cidade é Pato Branco, uma cidadezinha pequena, mas bem-organizada, tem universidades. (Pausa) Tem a Universidade Estadual Tecnológica do Paraná,

tem o Centro Universitário de Pato Branco e o Centro Universitário Mater Dei. Lembro que vinha muitas pessoas, muitos jovens estudarem lá, gente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Não sei se você sabe, mas Pato Branco é bem próximo. O clima muito gostoso, diferente daqui (risos).

Como era sua vida antes do casamento?

Bem, sempre morei e trabalhei com meus pais. Sou filha única e ajudava meus pais em um comércio que eles tinham. Me formei em turismo, mas nunca cheguei a exercer. (suspiro profundo).

O que você pensava em ser ou fazer antes do casamento?

Acho que no fundo nunca tive o sonho de me casar e ter filhos. Sempre me vi sendo filha, e pensei que iria passar minha vida trabalhando com meus pais. Pois, nunca me faltou nada, como falei antes, sou filha única. Mas conheci meu esposo e tudo mudou (risos)

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

Na verdade, eu sempre penso, mas ainda, nessa idade me vejo um tanto perdida em que rumo seguir.

Participa de algum movimento social?

(Risos) Não, não participo de nenhum movimento social. Acho que seria algo bom e interessante, mas não tive oportunidade.

O que a cidade de Imperatriz-MA significa para você?

Transformei em meu lar, através dos meus amigos, e principalmente por ser onde construí minha família. Não tenho tanto tempo morando aqui, digo em relação ao meu esposo que já está na cidade há bastante tempo. Mas gosto muito daqui, apesar do calor (risos). Ouço sempre as pessoas falarem, que quem bebe desse rio (Tocantins) não vai mais embora, tô achando que é verdade. (Risos)

O trabalho doméstico

Qual o significado de ser dona de casa para você?

Na verdade, significa cuidar da minha casa, do meu filho e marido. Não terceirizar isso. Eu acho que seja isso. Pelo menos para mim.

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

Bem, eu cozinho, lavo roupa, cuido das compras, cuido dos detalhes para levar filho na escola. Mas tento tirar um tempo para meus exercícios físicos e lazer. Adoro passear, quando tenho tempo, jantar fora, visitar alguns amigos, o que não ocorre sempre, pelo tempo corrido.

Você obtém ajuda nas atividades domésticas? Quem lhe ajuda? Qual frequência?

Temos uma diarista que vem duas vezes por semana, faz aquela faxina geral, pesada mesmo. O resto é comigo, pois meu filho o (nome do filho) ainda tá pequeno e requer bastante atenção e cuidados.

O que esse papel significa para você?

Sempre fico muito dividida com essa pergunta, (longo silêncio), as vezes me sinto muito importante. Mas sofro por deixar parar minha vida, sem estudar ou dedicar a minha vida profissional.

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

Poder estar dedicada a família. Poder acompanhar desenvolvimento do meu filho. De ter meus horários, de não precisar cumprir horário. Digo cumprir horário como em uma empresa ou algo do tipo.

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

Rotina desgastante, trabalhos sem fim, não tem fim de semana, não existe feriado. Sempre acompanhada do sentimento que poderia estar crescendo profissionalmente.

Você entende seu trabalho como uma profissão?

Não vejo como profissão, acho que pelo menos é uma rotina massacrante e não sendo remunerada, não consigo ver como uma.

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Grande parte ainda tem muito preconceito, sinto que muitos me olham como eu sendo preguiçosa, por não correr atrás de estudar ou até de abrir algo. Sempre cobrada, mas só isso que você quer para você? Ninguém vê que eu trabalho por uma faxineira, cozinheira e babá e isso tudo tem um custo muito alto. Que amaria trocar por uma profissão, mas que também pagasse por isso tudo.

Gênero

Qual o significado de ser mulher?

Vimos de uma cultura que mulher tem que aguentar tudo, ser forte e ser o pilar da casa. Vejo que nasci na melhor época, que estamos desmistificando isso, que podemos mostrar que temos vontades e desejos.

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Me sinto dividida, as vezes me sinto honrada de poder cuidar da minha família e da minha casa, mas também frustrada de não ter buscado algo antes da maternidade para agora estar mais tranquila e realizada. Já me culpei muito por isso, mas agora estou tentando deixar mais leve meus dias e momentos.

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

Eu vejo que somos uma parceria, e sei que logo ele me apoiará, assim que nosso filho estiver maior, (...) poderei estudar, abrir algo (longo silêncio). Ele se dedica muito ao emprego, para poder deixar eu ficar cuidando da casa”

Já pensou em trabalhar fora?

Na verdade, eu sempre penso, mas ainda, nessa idade me vejo um tanto perdida em que rumo seguir.

Nesse momento ela pediu uma pausa na entrevista, foi atender o telefone, era o esposo. Aproveitou e serviu um bolo com café.

O que você gostaria que fosse diferente?

Eu acho que deveria ter me dedicado quando eu era mais jovem, mas logo iriei me dedicar, pois agora já estaria com uma vida mais tranquila, pois sempre que me sinto mal, acabo descontando em quem menos merece, meu esposo e filho.

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Fiquei muito emocionada em fazer parte dessa pesquisa e honrada, por enfim, alguém olhou por nós. Sonho seria se fosse uma profissão regulamentada e remunerada. Somente assim ficaríamos realizadas. Acho que só isso que tenho a dizer (risos)

Márcia

História de vida

De onde é sua família de origem?

Minha família é toda de Imperatriz mesmo, nasci e fui criada aqui com meus 3 (três) irmãos. Fui criada apenas pela minha mãe, que é professora do município. Morei minha vida toda no bairro periférico, conhecido como Cafeteira. Você sabe, né?!

Como era sua vida antes do casamento?

Ah! Era uma vida normal. Comecei trabalhar desde cedo, eu acho que tinha 13 (treze) anos de idade e desde então não parei mais. (risos). Assim, não parei mais porque dentro de casa você sabe, é trabalho duro, ainda mais quando se tem filho.

O que você pensava em ser ou fazer antes do casamento?

Eu, como te falei, eu comecei a trabalhar cedo, né?! Terminei o ensino médio com 17 (dezessete) anos. Antes do meu casamento eu comecei a fazer contábeis, pois eu trabalhava em um escritório de contabilidade, na área de setor fiscal e, eu pensava em terminar o meu curso, né?! Antes de casar, mas isso não aconteceu.

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

Sim, já trabalhei sim, fora de casa antes do casamento. É, eu tinha uma atividade remunerada.

Participa de algum movimento social?

Não!

O que a cidade de Imperatriz-MA significa para você?

Assim, eu nasci e fui criada em Imperatriz e eu tenho um carinho muito grande pela cidade, hoje eu não penso em voltar para a cidade, mas eu tenho um carinho muito grande pela cidade. É onde reside toda minha família, né?! Venho passar férias, sabe?!

Me mudei para Marabá, devido o trabalho do meu esposo. Pois, ele é professor.

O trabalho doméstico

Qual o significado de ser dona de casa para você?

é uma parte muito boa, mas (ah!), tem outra parte que acarreta muito a gente, tornando o trabalho árduo, que não tem fim, dona de casa sabe que o trabalho nunca acaba, né?! É diferente de quando você trabalha fora de casa, que você deixa o trabalho lá e dentro de casa não, você não para e o trabalho é de domingo a domingo (...) é um papel cansativo, mas é gratificante tá presente com a família, mas pouco desgastante

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

Eu acordo né?!, faço o café das crianças, onze e meia me organizo e faço o almoço pras crianças irem pra escola e a tarde eu faço todas as coisas de casa, arrumar, limpar, lavar, essas coisas sem fim. Depois corro e busco as crianças na escola, e aquela loucura, quando pisco os olhos já é de manhã, de novo (risos), né?!

Você obtém ajuda nas atividades domésticas? Quem lhe ajuda? Qual frequência?

Eu não tenho ajuda doméstica, quem ajuda é eu mesma. As vezes quando meu marido tem tempo ele me ajuda, mas não é com frequência, e é, eu mesma (risos)

O que esse papel significa para você?

Pouco cansativo, é, mais gratificante, é, tá presente com a família, mais pouco desgastante.

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

Boa, mais ao mesmo tempo te deixa muito estressada, a mulher acaba se desgastando muito, ficando ansiosa, então, por isso, eu estou pensando em trabalhar fora, ficar pelo menos a metade do dia fora e a outra cuidando das crianças. Meu filho de 9 anos até que se vira um pouco, mas tenho que cuidar, claro, né?! Sem falar que tenho uma bebe ainda, de 2 (dois) anos.

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

(longa pausa) Bem, eu não vejo desvantagens, que eu tô tendo oportunidade de tá próxima de casa, de tá cuidando dos meus filhos, muita gente não tem essa oportunidade.

Você entende seu trabalho como uma profissão?

não, não é uma profissão (risos)... é um trabalho que demanda a dona de casa né?!, a mãe, a esposa (longa pausa), é isso

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Tem muitas pessoas que desvalorizam sabe?! A dona de casa, acha que a gente tá dentro de casa que a gente não faz nada, polo contrário, a gente trabalha muuuuuito mais de quem trabalha fora. Nosso trabalho ele não para, se tu tá dentro de casa, tu tá fazendo isso, tu tá fazendo aquilo, faz almoço, aí arruma menino pra ir pra escola, limpa casa, faz janta, então é um trabalho que não tem descanso.

Gênero

Qual o significado de ser mulher?

Ser mulher é ser positiva, forte, guerreira, (longa pausa) é... mãe, eu acho que são essas palavras que definem uma mulher

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Hum... (longo silêncio), acho que bem cansativo, corrido, mas eu creio que a mulher, ela precisa trabalhar fora, trabalhar dentro de casa. Porque quando você trabalha fora, você se sente útil, não tô dizendo que dentro de casa a gente é inútil, mas é um trabalho cansativo, é um trabalho repetitivo e acaba (longa pausa) sendo exaustivo pra mulher dona de casa. Quando ela trabalha fora ela tem autonomia, ela tem mais força e garra pra chegar dentro de casa com energia (risos). Eu acho, né?!

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

O homem ele tem sempre oportunidade de crescer mais rápido que a mulher, ele não tem preocupação que a mãe, a mulher tem, o homem ele é mais voltado ao trabalho, ele não está tão preocupado com dentro de casa, ele tá preocupado em manter a comida, não o trabalho que a mulher faz, o homem é mais pro lado do trabalho e pras suas preocupações pessoais

Já pensou em trabalhar fora?

Sim. Como te falei, você trabalhar só dentro de casa te traz um desgaste muito grande. Quando você começa trabalhar fora, você vê o potencial da mulher que você é.

O que você gostaria que fosse diferente?

Eu acho que (pausa) não tinha como ser diferente, a vida da dona de casa, da mulher é essa, né?! Não tem como ser diferente. Eu acho que precisaria de uma ajuda maior do parceiro, do esposo. Mas a gente sabe que um homem só muda de casa.

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Não. É um trabalho, eu creio que um trabalho que lá na frente vai ser reconhecido pelos nossos filhos, né?! Porque você tá tendo tempo de dar, é, crescendo, ensinando, ajudando a crescer e, eu creio que lá na frente você vai ter frutos, porque o que você planta, você colhe. (Risos). Parece que atrolei alguma coisa. Você entendeu, né?! (risos)

JULIETA

História de vida

De onde é sua família de origem?

É, a minha família era composta pelo meu pai, minha mãe e meus irmãos. Meu pai era responsável pela renda da casa e minha mãe era do lar. Quando os filhos chegaram na idade adolescente, alguns começaram a trabalhar, a ter o seu próprio sustento, mas quanto a alimentação, meu pai ainda era o responsável. Sou natural do Piauí, nasci na cidade de Palmeirais, cidade pequena, faz divisa com o Maranhão.

Como era sua vida antes do casamento?

Eu antes de me casar, ainda morava com os meus pais e meus irmãos. Eu trabalhava, (longa pausa), sempre trabalhei, desde a minha adolescência sempre tive o meu dinheiro (é) (pausa)... e aí depois minha mãe veio a falecer, aí depois meu pai foi morar com a mãe dele, minha avó. E assim que minha mãe faleceu, consegui um outro emprego de carteira assinada e nesse emprego eu trabalhei por 7 (sete) anos, e por isso, quando me casei saí do emprego, fui morar em outra cidade.

Embora essa nossa sociedade, contemporânea. A mulher ela tem alcançado muito (é) êxito, garantindo alguns direitos (é) algumas liberdades, ainda sim a vida como mulher, eu ainda vejo muitas limitações, é, por exemplo a gente adquire muitas responsabilidades dentro de casa, embora tenhamos ajuda né?! do nosso parceiro, ainda assim a maior responsabilidade fica com a gente. Ai, vem a questão da maternidade também, que soma tudo isso, é que querendo ou não a gente como mãe, a gente tem uma maior responsabilidade, a gente tem um maior cuidado, né?! com relação a alimentação, a educação, a saúde dos filhos e, a questão de dona casa no geral também por mais que a gente tenha ajuda, a gente também tem que tá atenta a muito mais coisa dentro de casa, os cuidados doméstico, com relação a alimentação, a limpeza da casa, a educação dos filhos que acarreta tudo isso.

O que você pensava em ser ou fazer antes do casamento?

Ééééé... antes do meu casamento, eu sempre tive vontade de estudar, de cursar faculdade, né. Fazer faculdade de direito, porque sempre eu tive o sonho de ser advogada. E lutei para isso até conseguir

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

É, sobre trabalhar fora de casa, eu depois de casar não trabalhei fora de casa, só estudei mesmo e mais, trabalhei fora de casa antes de me casar.

Participa de algum movimento social?

Não!

O que a cidade de Imperatriz-MA significa para você?

Significa muito pra mim, usufruir de tudo que há aqui. Me formei aqui, tenho muitas amizades, enfim.

O trabalho doméstico

Qual o significado de ser dona de casa para você?

Pra mim, o significado de ser dona de casa é ser responsável por todas as tarefas da casa, mesmo que tenha alguém para me ajudar, me auxiliar, ainda sim tem a responsabilidade de garantir é que, tudo esteja em ordem. Ser dona de casa é cuidar das tarefas de casa, como por exemplo, limpar, cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos, sendo que no caso, eu tenho somente uma filha (é)... (pausa) sendo muitas vezes um trabalho, mas que muitas vezes o trabalho de casa ele se torna exaustivo, por não ter hora exata para o descanso

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

As atividades que eu realizo no dia a dia é algo de rotina, que se repete todos os dias, né?! Eu acordo, preparo a refeição, lavo roupa, limpo a casa, cuido da minha filha (pausa) com relação

a higiene, né?! cuidar do banho e também auxílio ela nas atividades da escola e as vezes também vai buscar ela na escola.

Você obtém ajuda nas atividades domésticas? Quem lhe ajuda? Qual frequência?

Mas, também recebo ajuda nas atividades domésticas que, no caso, só é eu, minha filha e meu esposo em casa. Então, ele me ajuda né, com relação as atividades de casa. Ééééé... atualmente, com pouca frequência né, devido ao trabalho dele (pausa). Mas, ele ajuda no preparo do café da manhã, às vezes, ele lava roupa e ele fica responsável por levar a nossa filha na escola. E também, ele ajuda nas atividades escolares dela.

O que esse papel significa para você?

pra mim esse papel é desafiador, pois nunca me vi sendo dona de casa, quando eu era jovem nunca me imaginei sendo dona de casa, não tinha esse propósito, mas aconteceu, né?! Me casei, construí uma família, conseqüentemente me tornei uma dona de casa, mas hoje estou nessa função (longo silêncio), administradora do lar, que é o que a gente faz, a gente administra nosso lar, então pra mim é um papel muito desafiador

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

Ééééé, embora seja uma atividade cansativa, ainda assim existem vantagens de ser dona de casa, porque me permite aprender administrar algo, ajuda a ser produtiva e ter jogo de cintura na maioria das vezes na hora de executar várias tarefas do nosso dia a dia. Algo que me prepara para exercer futuramente minha profissão de advogada.

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

Hum, mas também existe as desvantagens. A desvantagem de ser exclusivamente dona de casa. Faz com que a gente se veja... éééé... muitas vezes inferior, como ser inferior, um ser inútil, gerando dúvidas na nossa capacidade, às vezes, para exercer até mesmo profissão remunerada futuramente. (pausa). Então, a minha percepção, eu vejo a desvantagem é isso.

Você entende seu trabalho como uma profissão?

ser dona de casa também é uma profissão, sim, com certeza, só que assim, (longa silêncio), o problema que essa profissão, se for analisar, mas que apenas não é remunerada, não tem horário de descanso exato, a gente tem sempre que estar em alerta, tem sempre que estar fazendo algo, então eu vejo como uma profissão sim. Só que tem que ter um pouquinho mais de atenção, um pouquinho mais de cuidado, um pouquinho mais de carinho pra essas pessoas que só vivem dentro de casa (no caso, as donas de casa). Mas eu vejo sim como uma profissão.

Inclusive, deixa eu te explicar: a profissão de dona de casa teve um avanço em relação aos direitos trabalhistas, pois com a Lei 12.470, de 31 de agosto de 2011, complementando a Lei 8.212 de abril de 1991, para fins de previdência social, ou seja, o recolhimento do INSS, claro que dentro de alguns requisitos prévios, como: ter ao menos 15 anos de contribuição, idade mínima de 62 anos, inscritas no CadÚnico a profissão de dona de casa teve um avanço em relação aos direitos trabalhistas, pois com a Lei 12.470, de 31 de agosto de 2011, complementando a Lei 8.212 de abril de 1991, para fins de previdência social, ou seja, o recolhimento do INSS, claro que dentro de alguns requisitos prévios, como: ter ao menos 15 anos de contribuição, idade mínima de 62 anos, inscritas no CadÚnico

(durante a entrevista se mostrou bastante emotiva, tivemos longas pausas, breves silêncios, retornávamos quando ela se sentia mais confiante e confortável)

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Embora nossa sociedade atual ela tenha melhorado as questões de significado e ressignificado dá mais importância a relação da mulher que trabalha dentro de casa com a questão de ter um olhar especial para essas mulheres a gente ter tido muito avanço muito debate nesse tema ainda assim, vejo que a maioria das pessoas veem o trabalho da dona de casa como uma obrigação nossa. Uma obrigação nossa mesmo. Que a responsabilidade é você casar e cuidar do lar. E que as mulheres que saem das suas casas para trabalhar, é, ainda são vistas com preconceito. Então, eu acredito que a sociedade, a maioria das pessoas, veem o nosso trabalho de dona de casa como uma obrigação e ponto.

Gênero

Qual o significado de ser mulher?

Com relação ao gênero, ééé... o significado de mulher para mim é: coragem, força e, acima de tudo, resistência, diante de tantas lutas ao longo dos anos. Na tentativa de a gente conquistar mais direitos. E nas nossas liberdades na sociedade. Então, para mim, o ponto principal é esse. Que para mim mulher significa resistência. Acredito que a gente ainda tem que conquistar muitas coisas. A gente tem que conquistar muitos direitos e não desistir deles, né. Então, por isso que acredito que a gente tem que continuar resistindo para que a gente possa vencer mais na frente.

Desafiador ser mulher, principalmente as que exercem apenas o papel de dona de casa, pois com o casamento surgem diversas responsabilidades, embora possua ajuda dentro de casa, isso não diminui o fato central de sua responsabilidade enquanto esposa, mãe, dona do seu lar

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Com relação às mulheres que trabalham fora de casa, na verdade, as mulheres que trabalham fora de casa, elas me inspiram. Para que eu nunca desista (pausa)... na verdade, elas sempre me inspiraram para que eu nunca desistisse dos meus sonhos: de que é trabalhar com o que eu sempre sonhei. Apesar de eu ter sido, ter me casado e passado a ter cuidado do lar, do marido, minha filha, eu nunca desisti de fazer uma faculdade. Hoje, né, acabei de me formar em direito e estou iniciando minha carreira na área da advocacia. Graças a essas mulheres que foram trabalhar fora de casa e mostrando o que a gente pode fazer, ter uma profissão fora de casa e também cuidar do nosso lar. Que isso não nos impede de cuidar de casa e também trabalhar fora. Então, elas sempre me inspiraram.

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

Ele trabalha fora de casa, e apesar da gente estar estabilizados financeiramente (breve silêncio), o fato de não ter um emprego, isso me incomoda bastante. Minha vida em relação a do meu esposo é uma vida muito cômoda, mas não nasci para viver no comodismo, e por isso quero viver da minha profissão, assim me tornaria alguém mais completa.

Eu vi minha vida transformada em assumir esse papel, por tido de largar meu emprego para acompanhar meu esposo, eu vim de família pobre, então sempre trabalhei (longo e emocionado silêncio) hoje estou dentro de casa e só eu sei o quanto é ruim, o quanto é difícil ser quem eu

sou, nunca me imaginei sendo dona de casa. Inclusive, estou com problemas de saúde, estou com um quadro de ansiedade, (longo silêncio) pânico

Já pensou em trabalhar fora?

Sim, muitas vezes. Na verdade, eu penso nisso o tempo todo. E eu vou trabalhar, logo, logo, com fé em Deus.

O que você gostaria que fosse diferente?

Acredito, assim, ééé... (pausa)... ao me casar, eu demorei bastante para focar numa carreira e decidir realmente; embora eu tivesse um sonho de fazer direito, tive muitas complicações em relação a isso, porque tentei fazer outros cursos e não deu certo. Então, o que eu acho para mim, que deveria ser diferente, era eu casar, mesmo tendo que cuidar do meu lar, da minha casa, do meu esposo, eu deveria ter enfrentado esse desafio e focar no que eu queria, realmente. E eu vi que eu perdi muito tempo com isso. Se eu pudesse voltar atrás, e que fosse diferente, eu acho assim, que se eu voltasse atrás, eu queria que eu, realmente, focasse na área que eu queria. Persistindo no meu sonho, que era ser advogada. Então, eu perdi muito tempo com isso, nessa indecisão. E não é nem indecisão, acho que eu também fiquei com medo em relação a isso tudo.

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Eu acredito que, ééé ... (suspiro e pausa longa)... não acrescentaria nada. No momento, hoje eu não acrescentaria nada. Porque hoje eu já me vejo completa. Que mesmo eu cuidando da casa, do meu lar, da filha, do esposo, eu meti a cara, mesmo que tarde, quis estudar, quis me formar, ééé... com apoio né, do meu marido, sei que muitas mulheres donas de casa não tem essa opção, ééé, não teve essa oportunidade de ter um apoio que seja de marido, que seja de pais, que sempre lhe ajudam quando tem filhos, e eu tive esse apoio. Graças a Deus, então, não queria acrescentar, né. Encarei o desafio e estou aqui sendo dona de casa, mas perto de realizar meu sonho que é trabalhar fora de casa novamente.

MARGARIDA

História de vida

De onde é sua família de origem?

Minha família é toda da Bahia, somos de Itapetinga. Viemos para cá há muitos anos atras, creio que tenha uns (pausa), não sei bem, mas acho que perto dos 40 (quarenta) anos.

Como era sua vida antes do casamento?

Era um pouco pacata. Naquela época a mulher era mais preparada para as coisas de casa. Bordar, costurar, fazer comida. No meu caso, como fui bem-criada, sempre tive tudo, digamos que nasci em um berço de ouro, meus avós e meus pais sempre tiveram condições financeiras, eram produtores rurais, tinham muitas terras na Bahia. Desta forma eu pude escolher várias coisas, mas escolhi ser professora, naquela época era muito comum fazer o magistério. Mas eu gostaria de ter sido algo grande, uma juíza, quem sabe.

O que você pensava em ser ou fazer antes do casamento?

(Risos) na verdade, eu nem me lembro o que gostaria de ser, de ter sido. Interior, você sabe, né?! A gente não sonhava tanto, o destino era arrumar um marido, casar, ter filhos. Mas, como te falei a pouco talvez eu queria ter sido uma juíza (risos)

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

Não, nunca tive uma atividade remunerada, nunca trabalhei fora de casa.

Participa de algum movimento social?

Bem, se movimento social for a igreja (risos), faço parte sim. Atuo muito na igreja católica. Sou engajada em causas que ajudam as crianças. A casa de passagem da criança, que fica na Beira-Rio, creio que você conheça, aquela casa ali, eu fui umas das principais pessoas que puxou a criação dela, vivo em cima pra saber se essas crianças tenham todo o suporte necessário. Eu amo criança. Sempre estou presente nessas causas, mobilizo doações. Pois, sou uma mulher da sociedade, então, tenho muitos contatos, conheço muita gente importante. Todo fim de ano arrecado muitas cestas básicas e a gente leva para o lixão da cidade. E assim, acho que isso seja movimento social. Gosto, gosto muito de fazer isso. Inclusive, meu filho mais novo, o meu caçula é fruto de uma adoção, meu querido e amado (nome do filho).

O que a cidade de Imperatriz-MA significa para você?

Significa muito. Moro aqui há muitos anos, meu sucesso foi através desta cidade, não tenho o que dizer desta cidade. Claro, que precisava mais, uma cidade deste tamanho precisava de uma melhor administração, com mais investimentos, para coisas novas acontecerem.

O trabalho doméstico

Qual o significado de ser dona de casa para você?

Ser dona de casa foi muito bom, pude acompanhar de perto a criação dos meus filhos. Esse papel me representou bastante, hoje os meus filhos são muito bem de vida, tenho uma médica, uma dentista, um gestor em tecnologia da informação e um rapazinho finalizando o ensino médio, mas quer seguir a profissão do meu esposo, ele quer ser médico. Então, eu acho que sou responsável pelo sucesso dos meus filhos, pois me dediquei a criá-los muito bem e não me arrependo de nada. Hoje eu poderia ter sido outra pessoa, quem sabe, né? A juíza, será?! (risos)

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

Bem, aqui quem faz a comida sou eu, pois cuido com cuidado (risos), do meu esposo, pois ele segue dieta. É basicamente isso que faço. E claro, administro toda a casa e tudo que aparecer sou eu quem faço. Meu esposo não tem preocupação.

Você obtém ajuda nas atividades domésticas? Quem lhe ajuda? Qual frequência?

Sim. Tenho uma secretária do lar, que vem de segunda a sábado fazer tudo em casa, lavar, passar, limpar a casa. Eu faço só a comida. As outras coisas eu busco terceirizar, pois olha o tamanho desta casa, eu jamais daria conta, até mesmo pela minha idade, né?! Então, quando preciso de um serviço, ligo, contrato, como o jardineiro, o rapaz que limpa a piscina, essas coisas, sabe?!

O que esse papel significa para você?

Hum... Significa muita responsabilidade

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

Acho que é uma vantagem você cuidar e educar de pertinho os filhos. Poder levar, buscar eles na escola, isso quando eles eram pequenos. Tive esse tempo.

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

A desvantagem é você viver apenas em função de casa, só dos filhos, marido. Não ter uma atividade lá fora, interagir com demais pessoas. Na verdade, nem sem se é tão bom interagir com as pessoas. O mundo anda tão doente, as pessoas não sabem escolher nada. Você vê pelo presidente que escolheram, mas enfim. Acho que é isso, né?

(Pausamos a entrevista, pois ela pediu um lanche)

Você entende seu trabalho como uma profissão?

Não, não vejo como profissão ser dona de casa, não temos direitos reconhecidos, nem vejo pessoas falando sobre nós, não há destaque (longo silêncio), na verdade, menina, serei franca. Ser dona de casa não traz prestígio algum, eu por exemplo, só possuo esse status, esse respeito, porque sou casada com médico, empresário, fazendeiro e tenho que lhe dizer, já venho de uma família rica e tradicional da Bahia, que se mudou para essa cidade há muitos anos. Mas por exemplo, têm dois meses mais ou menos, que a esposa de um fazendeiro, rico, ficou viúva. Ou seja, vi que as pessoas passaram a tratá-la diferente, é como se ela não fizesse mais parte do nosso meio. Eu a trato como sempre tratei, mas vejo o quanto as pessoas são cruéis. Então, dona de casa não é profissão (muitos risos)

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Eu acho que eles imaginam que a gente não faz nada da vida. É bem isso!

Gênero

Qual o significado de ser mulher?

É renunciar a muitas coisas, de um sonho, de uma carreira profissional, de tantas coisas. Não é fácil estar em uma era moderna e ouvir o tempo todo que lugar de mulher é onde ela quiser.

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Hum, acho que um pouco menos cansativa, pois trabalhar fora demanda muito. Apesar que estar dentro de casa também demanda muito. Eita, nem sei bem ao certo o que dizer, mas acho que é isso. (risos)

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

minha vida em relação a do esposo é muito diferente, pois ele é médico e eu dona de casa e administradora de todos os nossos bens, pois temos uma fazenda e meu esposo é sócio em um dos hospitais. Ele trabalha bastante, mas eu também trabalho bastante, pois não é fácil administrar tudo isso, inclusive cuidar dele que já tem muitos problemas de saúde, não me vejo como apenas a dona de casa

Já pensou em trabalhar fora?

Acho que pensei, quando eu era mais jovem, apesar que tenho um temperamento meio difícil, creio que não daria certo trabalhar lá fora (risos)

O que você gostaria que fosse diferente?

(Deixa eu pensar longo silêncio) Bem, acho que não queria que nada fosse diferente, gosto dessa vida, do jeito que ela é.

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Gostaria, gostaria sim. Que trabalho é trabalho, e que todos devem ter respeito uns com os outros, Eu sei que uns trabalham mais e outros menos, mas Deus abençoa a todos, tenho certeza disso. Entendo também, pelo que você me trouxe, que cada dona de casa é única e exerce funções diferente umas das outras. É isso, respeito com todas. Obrigada!

AMÉLIA

História de vida

De onde é sua família de origem?

Minha família é toda do Maranhão, somos da cidade de Dom Pedro. Mudamos primeiramente para João Lisboa, logo depois para Imperatriz.

Como era sua vida antes do casamento?

Era uma vida simples. Cursei o ensino Médio e não dei continuidade. Mas, cursei o ensino médio bem tarde.

O que você pensava em ser ou fazer antes do casamento?

Eu pensava em ser uma psicóloga, sempre foi o meu sonho.

Já trabalhou fora de casa, teve uma atividade remunerada?

Sim, uma vez, eu trabalhei em uma escola, ajuda a fazer a merenda escolar.

Participa de algum movimento social?

Não, nunca participei dessas coisas.

O que a cidade de Imperatriz-MA significa para você?

Tudo de bom.

O trabalho doméstico

Qual o significado de ser dona de casa para você?

Tem bastante significado, pois faço minhas coisas, do jeitinho que eu gosto, sem ninguém dar palpite, é isso.

Quais atividades você realiza no seu dia a dia?

Trabalho bastante aqui, eu faço tudo, absolutamente tudo. Eu limpo, eu lavo, eu cozinho, eu encho os litros, lavo banheiro. Bem, tudo, né?!

Você obtém ajuda nas atividades domésticas? Quem lhe ajuda? Qual frequência?

Não. Tudo sou eu mesmo. Tudo de casa sou eu quem faço.

O que esse papel significa para você?

Já tô acostumada com isso aqui, acho que nasci pra isso mesmo, vai da sorte de cada um, tem gente que tem sorte na vida, eu não tive, nasci pra trabalhar em casa até morrer

Quais vantagens você vê em ser dona de casa?

Vejo que é tudo de muita responsabilidade, sou uma pessoa bem responsável. Nem sei se vejo vantagem, não sei.

Quais desvantagens você vê em ser exclusivamente dona de casa?

Nenhuma. (longo silêncio) Me explica, acho que não entendi... Ah sim! Então, acho que tudo é desvantagem, viver só dentro de uma casa, trabalhando noite e dia, fazendo sempre as mesmas coisas, não é de gente não. Um mundo acontecendo lá fora e a gente aqui, aqui dentro, preso igual passarinho em gaiola.

(Parei a entrevista e expliquei com exemplos o que seria uma vantagem e desvantagem)

Você entende seu trabalho como uma profissão?

Bem, acho que ser dona de casa não é profissão, é mais escravidão (risos), é falta de oportunidade, não sei bem se é isso.

Como você acha que as pessoas veem seu trabalho?

Eu não sei, mas acho que ninguém dá valor pra isso não. É algo sem importância, pelo menos eu acho, né?! Mas é muito cômodo termos alguém pra fazer as coisas pela gente e não pagar, não dizer obrigado.

Gênero

Qual o significado de ser mulher?

É tudo (Risos), eu gosto de ser mulher, mulher é diferente, é mais atenciosa, mais calma, mais forte, não é como homem egoísta, ignorante

Como você avalia sua vida em relação as mulheres que trabalham fora de casa?

Acho genial é de muita liberdade quem trabalha fora. São outros horizontes, outras possibilidades.

Como você avalia sua vida em comparação a do seu esposo?

minha fia, minha vida é muito diferente da desse velho aí (seu marido), ele é pedreiro e eu uma dona de casa, somos pessoas completamente diferentes (longo silêncio), acho que o trabalho dele foi mais duro, porque era de sol em sol, o meu não, apesar que ele não trabalha mais como pedreiro e eu trabalho muito, muito mesmo aqui nessa casa velha, acho que só vou parar quando eu for lá pra aquele lugar (pausa) o campo da saudade (risos)

Já pensou em trabalhar fora?

Sim, muito mesmo. Isso mais jovem, né?!

O que você gostaria que fosse diferente?

Eu gostaria que tudo fosse diferente. Creio que se meu pai fosse vivo, talvez as coisas fossem diferentes. Quem sabe essa vida que levo hoje teria sido completamente outra. Meu pai era um homem rico, teve muito dinheiro, ele mexia com usina de arroz, só gostava do que era bom, tinha muitos imóveis, só deu a mim e aos meus irmãos coisas boas, roupas boas, até joias o meu pai me dava. Quem vê assim pensa que não sei o que é bom. Mas minha juventude toda foi muito boa. Mas meu pai morreu muito jovem e minha mãe, uma louca, não soube administrar nada, todo nosso patrimônio foi embora.

Por fim, gostaria de acrescentar algo sobre seu trabalho?

Hum... Acho que o trabalho faz parte da nossa vida.